RL

revista literária

21

revista literária do corpo discente da ufmg

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinada pelo Departamento de Assuntos Estudantis do Ministério da Educação.

...
...

DEZEMBRO DE 1988/JANEIRO DE 1989 * ANO XX * NÚMERO 21

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COORDENADORA

ANA MARIA DE ALMEIDA

SUBCOORDENADOR

CARLOS ALBERTO MARQUES DOS REIS

★

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

COMISSÃO DA REVISTA

ANA MARIA DE ALMEIDA
RONALD CLAVER CAMARGOS
CARLOS ALBERTO MARQUES DOS REIS

COMISSÃO JULGADORA DO 21º CONCURSO DE CONTOS E POEMAS

Profª ROSA MARIA NEVES DA SILVA
Prof. SÉRGIO ALVES PEIXOTO
Universitária ELIANE MOURÃO

SELEÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

Prof. MÁRCIO SAMPAIO (EBA/UFMG)
Prof. JARBAS JUAREZ ANTUNES (EBA/UFMG)
Profª POMPEA PERET BRITTO DA ROCHA (EBA/UFMG)
Profª ISABEL CRISTINA AZEVEDO PASSOS (EBA/UFMG)

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

CENTRO DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
AV. ANTÔNIO CARLOS, 6627 — SALA 452 — 4º ANDAR
31270 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

Odaliscas — *Ana Cristina Fernandes Morais Cavalcanti* 11
O Rosto — *Ana Cristina Fernandes Morais Cavalcanti* 15
Coração-Mortalha — *Venus Brasileira Couy* 18
As camisolas azuis de um delirante ofício — *Venus Brasileira Couy* 23
A mulher exilada — *Venus Brasileira Couy* 25
Amorchxx — *Terezinha Taborda Moreira* 29
Retrato em branco e preto — *Terezinha Taborda Moreira* 33
Lolita, meu amor — *Terezinha Taborda Moreira* 34

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Irmãozinhos — *César Geraldo Guimarães* 41

CONCURSOS DE POEMAS

Misiones — *Rita Espeschit* 45
Delícia Argentina — *Rita Espeschit* 49
Coelho de Alice em Wonderland — *Rita Espeschit* 51
Moda primavera-verão — *Rita Espeschit* 52
Once upon a time — *Rita Espeschit* 54
Efêmero — *Flávio Gonçalves Mota* 55
Amolação — *Flávio Gonçalves Mota* 56
Sem referencial — *Flávio Gonçalves Mota* 57
Corte e sutura — *Flávio Gonçalves Mota* 61
Desencanto — *Flávio Gonçalves Mota* 62
Quarto-abacate — *Sérgio Aurélio de Souza* 63
Confins — *Sérgio Aurélio de Souza* 64
Rostos — *Sérgio Aurélio de Souza* 65
Língua-de-trapos — *Sérgio Aurélio de Souza* 69
Free-Jazz — *Sérgio Aurélio de Souza* 70

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Ritos de iniciação — *César Geraldo Guimarães* 73
Lição de casa — *César Geraldo Guimarães* 75
Mistérios dolosos — *César Geraldo Guimarães* 79
Inventário amaro — *César Geraldo Guimarães* 80
Esquizofrenia em primeira exibição — *César Geraldo Guimarães* .. 81

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

Encanto — *José Amâncio de Carvalho* 87
Manhã — *José Amâncio de Carvalho* 88
Gênesis — *Orlando Bianchini* 89
Baú — *Tânia Diniz* 90

CONTOS

Fantasias de uma mulher casada — *Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva* 93
O salto — *Tânia Diniz* 96
A viagem — *Magda Velloso Fernandes de Tolentino* 97

ENSAIOS

Desliciosamentos — Ensaio Poético a Claude Monet por A Estação Saint-Lazare — *Eliane Mourão* e *Luiz Alberto dos Santos* 105
Razão e loucura em O LOUCO DO CATI — *Luiz Cláudio Vieira de Oliveira* 108
Reflexões sobre O Menino de Engenho — *Lauro Belchior Mendes* .. 117
Análise do discurso pedagógico — *Valéria Martins de Souza* 130

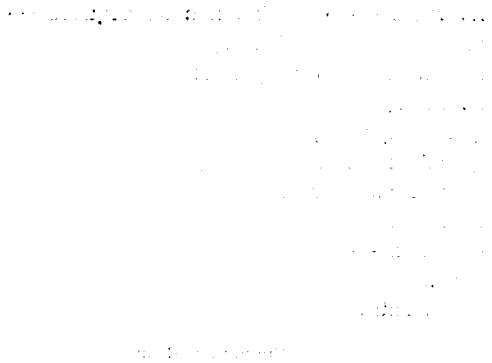
RESENHA

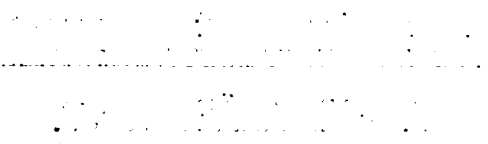
Estatística da Revista Literária 157
Relação de Contos Recebidos 158
Relação de Poesias Recebidas 160
Publicações Recebidas 178
Algumas críticas à Revista Literária do Corpo Discente da UFMG 180

Às vezes — o destino não se esquece —
as grades estão abertas,
as almas estão despertas:
às vezes,
quando quanda,
quando à hora,
quando os deuses,
de repente
— entes —
a gente
se encontra

Guimarães Rosa

ESTE NÚMERO É DEDICADO A GUIMARÃES ROSA





RL

revista literária

CONCURSO DE CONTOS

1º Lugar

Pseudônimo: CLARA

ODALISCAS

Ana Cristina Fernandes Morais Cavalcanti

FACULDADE DE LETRAS

Da janela não vinha nenhum movimento. No ar parado a quietude extrema do céu que não se vê. É inútil buscar a brisa no ôco macilento de dentro dos prédios.

Mas era sempre uma janela. Às vezes ele se debruçava no peitoril e ficava horas procurando ver lá embaixo alguma coisa que se movesse. Falava-se em ratos enormes do tamanho de gatos, baratas negras e reluzentes, lentas no andar e no mover as antenas. Imaginava uma invasão de ratos e baratas subindo em marcha, cobrindo as paredes, negros, cinzas, inundando as janelas, lá embaixo um esgoto imenso, água viva se materializando em centenas, milhões de ratos e baratas, enormes, transbordando num negro cinza sem fim.

Quando dormia, sonhava com odaliscas semi-nuas envoltas em véus, rodopiando em seu quarto, saltando da janela, coloridas, os seios redondos, quadris macios feitos de ondas, roçando seu rosto, dançando em suas pernas e braços, caminhando pelas paredes. E seus olhos se multiplicavam penetrando cada uma delas, ávidos, secos, balançando entre os seios e pernas das bailarinas. Acordava úmido, acendia todas as luzes e matava todas as baratas que encontrasse.

Com o tempo especializara-se nisto, ficava horas observando seus movimentos, o giro das antenas, trinta segundos de imobilidade se fizesse algum barulho, depois o mover lento

de uma antena após a outra, o andar apressado ganhando espaço aos poucos, a busca dos cantos, buracos e quinas. Sabia se uma barata era mais rápida pela cor, tamanho e espessura das pernas; aprendera a conhecer se era nova ou velha e os vários tipos de sua espécie, ainda que todas parecessem iguais. Podia reconhecê-las no escuro onde estivessem. Criara instrumentos especialmente para matá-las em qualquer lugar, eram seu orgulho, nunca falhavam. Às vezes cansava-se de usar os instrumentos e passava a caçá-las.

Apanhava a barata, espetava-a com um alfinete e arrancava-lhe as pernas, lentamente com uma pinça, uma a uma, gostava de ver as outras pernas se movendo no ar, inúteis, negras. Pra isso procurava as baratas maiores, ficava olhando seus olhos vítreos, imóveis, enquanto puxava cada perna. Aí restavam as antenas, rodando de um lado para o outro, gostava de baratas sem pernas, só com as antenas balançando. Mas guardava para o final o melhor e o mais difícil: tirar as asas. São finas, papel de seda que se quebra tão fácil, era preciso muita arte e delicadeza. Nenhum outro homem conseguiria tirar as asas de uma barata sem quebrá-las. Mas ele sabia e lá estava ela, inerte, nua e branca. Despida de si mesma, restavam apenas os olhos imensos no corpo branco. Era preciso furá-los.

Quando furava os olhos de uma barata sentia um calafrio, as mãos úmidas, um calor subindo no rosto. As pernas trêmulas, espetava devagar, a agulha penetrando a carne amarela e negra, deslizando até tocar a mesa. Esperava o líquido viscoso escorrer. Os olhos continuavam a olhá-lo, opacos e secos. Espetava de novo, uma, duas, dez vezes, as baratas têm muitos olhos, centenas de olhos olhando, olhando, não se fecham nunca, milhares de olhos espalhados pelo mundo nos cantos, tetos, paredes. Os olhos fixos, ele furava e espetava, a agulha atravessando a carne amarela negra, com força e mais força, a agulha fincando na mesa, queria atravessar a madeira, as paredes, vazar os olhos, os milhares de olhos, ver o líquido jorrar inundando as ruas, prédios e cidades. O mundo submerso no líquido escorrendo das carnes amarelas e negras. Mas os olhos se desfaziam

em pedacinhos, olhos que se multiplicavam no milagre da morte. Derrotado, os olhos opacos, o vazio se instalando em suas mãos, pernas e ventre, adormecia ali, a cabeça recostada entre pernas e olhos de barata. Quando acordava, guardava as pernas, as asas e os pedaços dos olhos numa caixinha junto a outro tanto de pernas, asas e pedaços de olhos de baratas. Havia pernas e asas de várias formas e tamanhos. Era pena que ninguém se interessasse em ver, tão fascinante ficar olhando, a luz incidindo, era só virar a caixa e do reflexo da luz nas asas brilhantes surgiam tonalidades douradas. O sol entre montanhas e nuvens. Mas isso fora há muito tempo, ou ele tinha visto num filme? Não se lembrava mais.

Esperou o elevador e entrou. Apertou todos os botões e subiu devagar. Gostava de ver a cidade do último andar, os prédios desbotados contra o céu cinzento e escuro. Não sabia onde estava o sol, sobre sua cabeça uma massa compacta, neutra. Esquecera-se das estrelas, Três Marias, Cruzeiro do Sul, Marte, onde estavam? Impossível vê-las, só existiam nos livros e fotografias. Em algum lugar elas estavam, pontos vagos, apagados, retidos na memória. Não importava, de qualquer modo ninguém viveria o suficiente para vê-las novamente.

Voltou para o apartamento. Abriu a porta, acendeu a luz e lá estava ela debruçada na janela olhando para baixo. A princípio ficou petrificado, os olhos se dilatando, uma pressão na cabeça, quis se aproximar mas não conseguia, as pernas paralisadas. Ela se virou de uma só vez, impassível, a perna dobrada encostada na parede. Desesperado, deu um passo. Ela se virou de costas e caminhou pela sala indo até a porta. Apagou a luz. Movimentou-se ao seu redor, não conseguia ouvir nada, as batidas do coração estourando em seus ouvidos. Permaneceu inerte, seus olhos só viam as paredes cinzentas de dentro dos prédios. Um calafrio subiu por seus braços, deslizando até a nuca, a pele arrepiada. Só ouvia agora sua própria respiração. Foi despido devagar, as mãos agora úmidas, um calor subindo no rosto, as pernas trêmulas, os braços inertes estendidos ao longo do corpo. Os olhos fixos, a mente se desfazendo estéril,

inútil, nenhum pensamento ou lembrança, em seus olhos a parede cinzenta dos prédios, enchendo sua boca, resvalando por sua memória, branca vazia, e ele via, queria fechar os olhos mas não conseguia, estavam ali, diante dos seus, imensos, negros, não opacos, mas brilhantes, nunca vira olhos assim, não estavam fixos, moviam-se em todas as direções, penetrando-lhe a carne, a mente, o cérebro, queria se esconder, mover as pernas e braços, não os tinha mais, continuava inerte, desfeito em sua nudez, os olhos dilatados se aproximando dos seus, a parede cinzenta agora negra, os olhos se prolongando em dois estiletes brilhantes. Os olhos, era preciso furá-los. Os estiletes se aproximaram mais penetrando carne macia, devagar. Resvalou pelo chão.

Odaliscas dançavam sobre ele, os véus roçando-lhe o rosto, ventre e pernas. Seus olhos se multiplicavam ávidos, ganhando espaço, o sol entre montanhas e nuvens.

Da janela não vinha nenhum movimento. No ar parado a quietude extrema do céu que não se vê. É inútil buscar a brisa no ôco macilento de dentro dos prédios.

Mas era sempre uma janela. Às vezes ele se debruçava no peitoril e ficava horas procurando ver lá embaixo alguma coisa que se movesse.

O ROSTO

Ana Cristina Fernandes Morais Cavalcanti

Uma aranha tecia imóvel no canto da janela. Como ninguém se lembrasse de olhar para cima, resistia protegida por séculos de neutra imobilidade.

Na parede, regulamentos afixados, o papel envelhecido e empoeirado.

De tudo que fazia o que mais gostava era arrumar o arquivo dos falecidos. Chegava mais cedo, colocava as fichas fora de ordem só para depois olhá-las uma por uma até que tudo ficasse como antes. Era uma pena que os retratos fôssem tão pequenos, tinha que olhá-los longamente, saboreando cada detalhe. Cabelos, o formato da boca, nariz, olhos. Alguns sorriam, outros não. Havia também expressões neutras, não fosse o negro e o cinza da fotografia seria apenas um papel em branco. Mas não se importava.

Às vezes se perguntava por que as fichas não eram guardadas num local mais importante. Os mortos depois de sepultados desapareciam para sempre, mas as fotografias permaneceriam, estavam vivos. Mas quem se importava com um simples retrato?

Havia uma ficha que incomodava bastante. Uma mulher cuja data de nascimento era igual à sua. Passou a se demorar mais sobre o retrato e decorou todos os dados que constavam na ficha. Nome dos pais, endereço, o número de todos os documentos, não havia nada ali que não estivesse em sua cabeça. Quando

deu por si, viu-se guardando a ficha em sua gaveta. Escondeu-a debaixo de outros papéis de modo que ninguém pudesse ver.

Olhava a ficha de vez em quando e deixou de desarrumar o arquivo. Mas o retrato estava ali tão perto que a primeira coisa que passou a fazer quando chegava era abrir a gaveta e olhá-lo. A princípio não passava de um rosto como qualquer outro do arquivo. Depois, reparando melhor, os cabelos tinham algo de romântico, tipo anos vinte, a franja sobre a testa, nariz arrebitado e um meio sorriso nos lábios escuros.

A televisão ligada, novela das seis, das sete, das oito, das nove, noticiários, o mundo nunca mudava, as imagens se sucedendo na tela, os rostos todos iguais, propagandas, assistia e não via nada, as horas se sucedendo infinitamente na sala vazia. O rosto, os traços, não se cançava de retê-los. Não o buscava como quem se apega a uma lembrança boa ou a um momento qualquer passado. O rosto era vivo e se aglomerava em seu pensamento num todo que em sua insistência, repartia-se, cada parte sobrepondo às outras, depois o rosto inteiro novamente.

Ao acordar de manhã, se olhou no espelho e detestou o que viu. E quando chegou ao trabalho, ninguém notou que estava diferente, ninguém disse nada sobre seus cabelos, nem do olhar que brilhava.

Apanhou a ficha e olhou o retrato.

Quando saiu à tarde, não foi para casa ver televisão. Apanhou um táxi e foi ao endereço que já sabia de cor. Era uma casa grande, branca, com escadas de mármore e duas colunas na varanda. Rua Outono, número sete. Karla Von Castro, estudante de música, filha de Erick Von Castro e Maria da Silva Castro, nascida no dia dois de novembro de mil novecentos e quarenta e cinco.

Foi a pé para casa. Entrou numa casa de cine-foto e tirou retrato. Doze fotos três por quatro. Esperou que ficassem prontas e voltou para o trabalho, não havia mais ninguém, só o vigia. Inventou uma desculpa, esquecera as chaves de casa. Abriu a

gaveta, retirou a ficha e colocou sobre a mesa. Espalhou suas fotografias ao redor e comparou. Surpreendeu-se com a semelhança, era como se visse seu rosto pela primeira vez. Eram tão parecidas que não sabia qual foto era a sua, qual a da ficha, a sua a da ficha, a sua, a ficha, sua ficha, sua ficha...

Em casa não ligou a televisão. Espalhou os retratos pela casa, colou-os nas portas, paredes e no espelho do banheiro.

Comprou uma flauta com o dinheiro que tinha. Em casa não ligou a televisão. Colocou a flauta sobre a mesa, sentou-se e ficou olhando o metal brilhante, a forma delicada, podia ouvir a música doce. Viu-se tocando, as notas subindo pelo ar feito bolhas de sabão. Caminhava, caminhava, era livre, havia sol, vento na pele, praias, descobriu que era linda, ninguém sabia, ninguém via, mas não importava, agora sabia. O metal brilhante em suas mãos, acariciou os braços, pescoço, ouvia música. Saiu dançando pela rua, rodopiando, os olhos brilhantes, o sorriso que nunca sorrira, o mundo era leve. A lua cheia rodava no céu e em seus olhos, era só a lua boiando em seus olhos que lentamente se apagavam.

No trabalho só deram por sua falta um mês depois e todos comentaram que isso era abandono de emprego, não receberia nada depois.

O corpo foi encontrado na praça, os pulsos, braços e pescoço cortados. Levaram para o pronto-socorro, no bolso uma nota fiscal com nome e endereço. Identificaram o rosto, Karla Von Castro, Rua Outono, número sete. Foram ao local avisar. Era um lote vago.

No arquivo duas fichas incomodavam bastante: duas mulheres, retratos iguais, nomes iguais, cujas datas de nascimento coincidiam com a sua.

Dois de Novembro.

2º Lugar

Pseudônimo: LILI MARLENE

CORAÇÃO-MORTALHA

Venus Brasileira Couy
FACULDADE DE LETRAS

Escrevo-te. Por que você não me escuta, não me responde? Te amo: frase já tão gasta e antiga. O meu corpo está atrasado, solfeja aflito. Tenho poucos minutos. Depressa. Vou desaparecer incólume no ar, no tempo. Os meus desejos desnorteiam-me. Estou descolada. Vou ao sapateiro, à costureira me remendar. Sou a boneca Emília feita de retalhos, de frangalhos. Comecei a falar, assim, depois que tomei as pílulas do Doutor Caramujo. Sou uma mulher aquática, nasci das espumas do mar. Minha memória ecoa nos sinos da Atlândida. Os meus peixes não são comíveis. São peixes violáceos, peixes-seda, peixes-lingerie. Sou o peixe Neon fosforescendo, ardorecendo no aquário. Sou o peixe Acará-Bandeira, listrado e preto, indolente, indomável. Sou-me. Primeira pessoa insólita, desejando-te. Quero aprisionar-te. As minhas garras têm iscas nas pontas dos dedos. Sinto a sua maciez, a tessitura da sua pele, mas você me escapa, desvia por sinuosos caminhos, reentrâncias inesperadas. Não tenho o mapa, o segredo do seu trajeto. Preciso de uma bússola que me oriente, que me indique o seu percurso. Vou fazer um curso intensivo de navegação em mares violentos. Vou para Alcântara. Na proa do barco, já estou tonta. Vou enjoar, tenho vertigens. Sou um espantalho, exibo-me diante de você. Não há maquiagens, adereços. Vivo, apesar de. Olhe-me. Gaste o seu olhar, sem escrúpulos. Multiplique-o. Os meus olhos são caleidoscópios. Embaralho-me. Sou uma daquelas pedrinhas coloridas: amarela, vermelha, azul? Escolha, pelo menos, uma. Sou a mais barata, pedra comum.

Estou perplexa, perplexa com minha incapacidade. Difusa, espalho-me em desordens. Amor: palavra já tão gasta e antiga. Amora-amorável sorvendo em mim. Queimo o meu fogo-fátuo, fálico? Preencho-me. Estou oca, barroca, enroscando-me. Você me tortura, amor-cruel, carrasco. Estou na guilhotina com Danton. Estou dramática, trágica. Quero comover-te. Preciso que você ouça, sinta este pequeno ato, esta pequena morte, compacta e fugidia. Os meus sentidos brincam, pregam-me peças. Sou uma terântula esverdeada, consumindo-se. Vejo-te: impenetrável, inviolável. Desagrado-te? Sou feia? Estou aqui disponível, dispondo-me. «Nasci para ser amada, acariciada». E não sou? Serei? Não me mato. Viu? Viu? Viu? Calo-me. Vou expelir-te, não demora muito, é agora. Você não me escapa, gosma cinzenta que me suga. Esvazio-me, furei a bolha incômoda. Tenho asco. Usei uma agulha, uma agulhinha, dessas bem afiadas, que já não se fabricam mais. Matei-te amor-inglório. Já não existo mais. Alguns minutos atrás, existir era consistência. Um caldo de feijão quente no fim da noite, no momento certo, na hora marcada do desamparo. Não sei cozinhar, pedi, pelo telefone, uma pizza. «Entrega rápida», li no anúncio. Vou anunciar-me: mulher-entrega-rápida.

Arrranquei-me, sem raiz. Não brotarei de novo. Vou colocar-me em um jarro de cristal, é mais elegante. Vou durar no máximo uns três dias. A empregada virá e me colocará delicadamente no lixo, como ela sempre faz. Meu coração-relicário compartimenta desejos inúteis. Vou, no próximo inverno, para uma feira em Frankfurt. Quero trocá-lo, meu coração cheira a mofo, tem baratas enormes, vou dedetizá-lo Coração-naftalínico, adrenalínico, apesar de. Escrevo-te. É isso que me segura, que me prende. Escrita-umbilical que me liga a você. É esta a minha vingança. Viu? Viu? Viu? Estou terrorista, fazendo chantagens, cenas. Mas é assim que funciona. Tenho que usar a sua linguagem para invadir-te. «Então sinto que o amor, não mais uma visita, é mais que isso: invasor de domicílio». Há fios, rizomas comuns nestas velhas estórias femininas. Encontrarei o meu? É esse o meu marca-passo, a linha do meu pré-texto. Desfeita, preciso mover-me. Há horas estou aqui, estática. Os meus dedos, cansados, já não conseguem segurar-te. As minhas pala-

vras, guindastes enferrujados, puxam-te. Estico-as, uma a uma, como uma massa de pastel sem dobras. Coração-elástico: distendo-me. Não tenho fita métrica medindo a tiragem dos meus amores. Estou órfã, horrorizada, matei o meu marido e os meus filhos. Abro a caixa de Pandora e vejo a esperança, úmida e escorregadia, saindo apressada pelos fundos, falsos? Coração-navalha: corto-me. Dói. Onde? Onde? Aqui, neste lugar já tão gasto e antigo. Coração-mortalha: desfaleço no claustro.

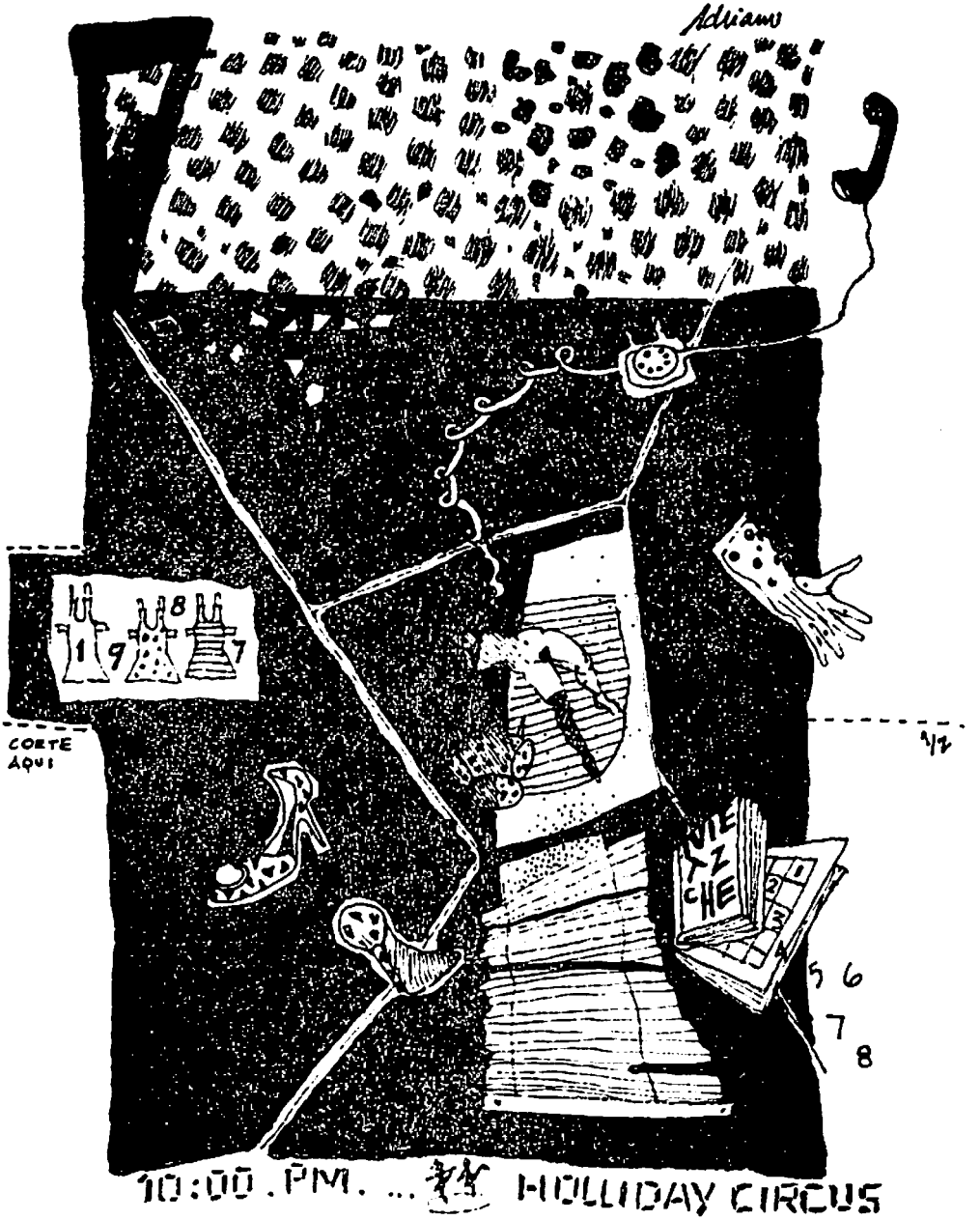
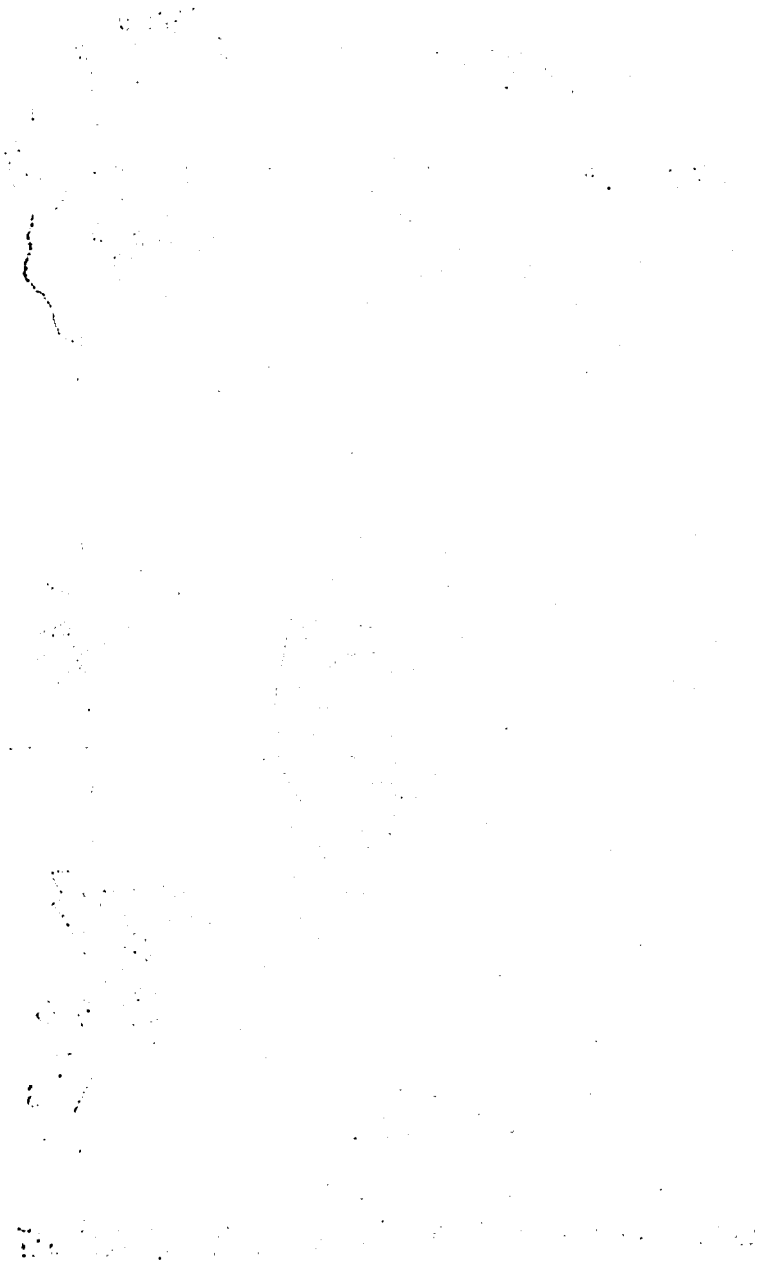


Ilustração: Adriano José de Souza Esteves



AS CAMISOLAS AZUIS DE UM DELIRANTE OFICIO

Venus Brasileira Couy

Estou aqui neste quarto úmido e faz tanto frio. Estou só: compartimentada aqui e não aparece ninguém, para me acalmar, para me socorrer. Neste cubículo, estou apertada, comprimida. Penso na minha intimidade, úmida e pegajosa, grudando. Preciso me despregar, me descolar. Eu, um algodão-doce, grudento, colando, no meu rosto, na minha boca? Preciso ingerir açúcar. Dizem que faz mal, não me importo. Quero me adocicar. Áspera e sem doce, me provo. Não tenho gosto de nada, insipida e inodora. Paladar nulo: grau zero de sabor. Em vez de sangue nas veias, queria mel licorilando as minhas tristuras. Desejo ser regada a mel, silvestre e eucalipto. As minhas palavras são peles, vou descascando-as, uma a uma, como cebolas. Compartimento essas íntimas, ínfimas réstias. Enfeitiçada pelas palavras, descobri a porção secreta do mágico Merlin, e, não conto o seu segredo a ninguém. A minha escrita é o presente maior que hoje poderia me dar. O dia apareceu chuvoso e nublado, entristeci. Mesmo com esse mal tempo, meço-me. Tenho horror de trovões, assusto-me. Tonta, tenho compulsão de escrever. Condenei-me? Sensação incômoda e atraente que me suga, me retêm. Não sei como vim pra cá. Mas é aqui que estou, transparente, água-viva sem artificialismos. Sonâmbula, não me movo.

Fico estática, visto camisolas azuis. Não quero buscar o meu tempo perdido, a minha arqueologia. Sofro de amnésia e Proust me cansa. Por isso, venho para cá. Nesse quarto, ando na velocidade da luz, penso em Nietzche e no meu horóscopo da semana. Sinto o ar, a minha respiração estoura, explode o tique-taque dos relógios. Sou uma bolha de sabão, frágil e demente, que vive pouco.

A MULHER EXILADA

Venus Brasileira Couy

Envelheci, tenho rugas enormes, visíveis no rosto. Toco-as, acaricio-as, estico-as, uma a uma, com a ponta dos dedos. Roçar incômodo que me perturba, me desola. Ressentida, ressecada, a minha pele? Há reentrâncias excessivas, parricidas neste rosto desolado e triste. Olho-me no espelho e não consigo recompor-me. Há somente manchas maculando a transparência do vidro, ferindo-me. Hoje dia inútil, fútil, passei toda a manhã entre cosméticos e máscaras revitalizadoras e tantas outras coisas que disfarçam essas rugas: riscos, rabiscos marcando a minha cara. Há cremes espalhados pela minha cama, e, ainda não sei, qual deles vou usar. Não sei se começo pelas mãos, pelas pernas, ou pelo rosto, tão áspero. O meu corpo está embalsamado em cremes, não reconheço-o mais. Há instantes atrás, a sua imagem me era segura, familiar. Agora, ela dissolve-se rapidamente diante de mim: «Me abismo, sucumbo». Nesta idade só tenho memórias, tímidas e agachadas, espionando-me. Ah! Nevralgias de uma mulher exilada, sem lugar sem porto seguro. Não estou mais no meu antigo mundo, ordenado e tranqüilo. Hoje, ao acordar, senti a mudança: estou cheia de perdas. Sem escrúpulos, o meu corpo exibe essa falta: etilhaçado, partido como a «Guernica» de Picasso. Esquartejada, desalojada, a minha memória ecoa nesta velha casa, úmida e com goteiras. As infil-

trações aumentam a cada dia e abrem rachaduras nas paredes. Tenho medo, mas insisto: daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. Ah! Musgos. Ah! Sustos inveterados que povoam o meu mundo. Estou inflada, como o João Bobo que tinha quando criança. Vou estourar, vou implodir. Preciso esvaziar-me. Vou cair? Não há pára-quedas e o chão é tão duro. Meus desejos brincam de bailarina e dançam na corda bamba. Equilibrar, eu? Amor entre trapézios: suspiro, transpiro pelas rendas, pelas fendas da porta inviolável.

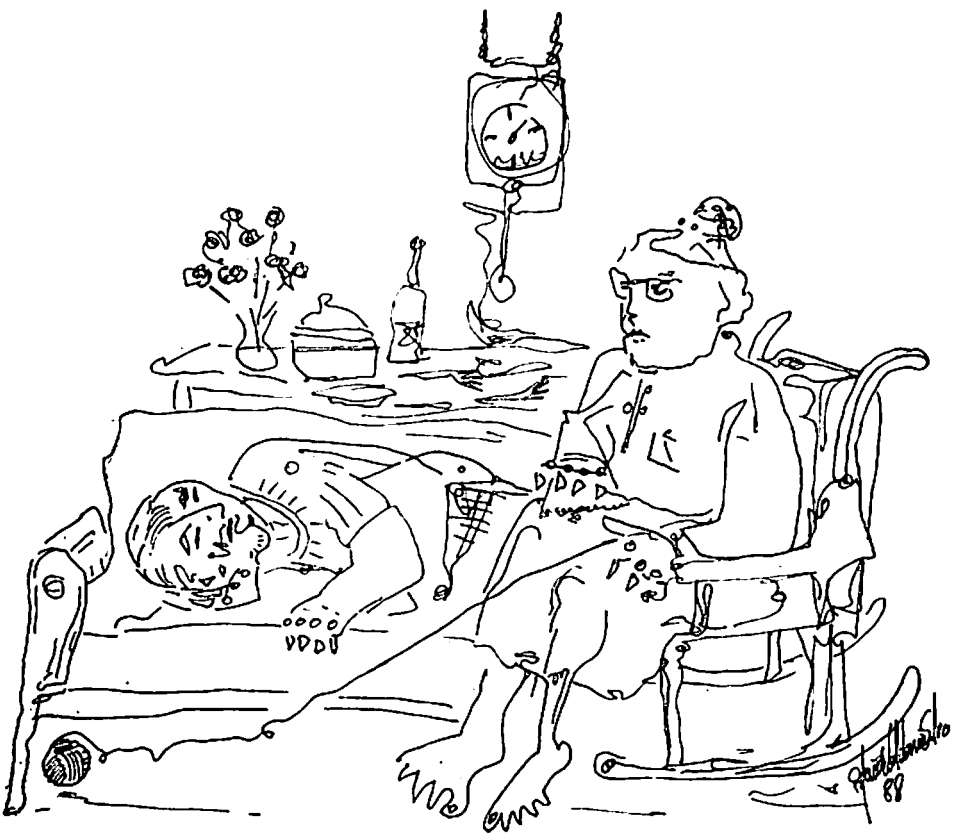


Ilustração: João Valdênio Silva

3º Lugar

Pseudônimo: TAREJA

AMORCHXX

Terezinha Taborda Moreira
FACULDADE DE LETRAS

O novelo de lã escorregou-lhe pelas pernas e rolou para debaixo do sofá, em frente à cadeira. Olhou-o através dos óculos. E foi assaltada por uma sensação de desamparo.

Fora assim também na última vez. A única diferença era que ele não tinha mastigado direito a carne, ela se lembrava bem disso. Talvez porque detestasse vê-lo comendo sempre com a boca cheia e mastigando avidamente os alimentos, como se seu único prazer na vida fosse comer. Depois entrou no quarto, despiu-se e chamou-a. Ela queria tirar a mesa. Mas ele insistiu.

Ah!... Se pelo menos não houvesse a sensação de aborrecimento todas as vezes que tinha que limpar a casa. Varrer o pó do mundo: que maçada!...

Ele apertou-a com força contra o peito... Para espremer a gordura da carne ele a mordia. E deixava escorrer a gordura pelos lábios para depois lambê-los. Só não o fazia quando era carne de porco. Gostava dela.

O respeito mútuo e o amor são as chaves mestras para um casamento feliz. E se ela não estivesse pronta para jantar às 7, ele certamente iria querer um sanduíche com queijo e presunto, porque teria que esperar o banho que ela sempre tomava antes de ir para a mesa.

Um dia ele lhe trouxe um buquê de rosas vermelhas. Foi no dia do aniversário dela. Ele o colocou na jarra com água,

que pôs em cima da mesa. Na hora do jantar, apagou as luzes e acendeu algumas velas, abriu um vinho branco e preparou a mesa. Quando ela entrou na sala teve um sobressalto e deparou com ele parado na porta do quarto e com um sorriso misto de ansiedade e presente.

Gostava dele.

Mas a única coisa que a incomodava realmente eram os roncos dele. Deitava-se de barriga para cima, e era só começar a dormir que se ouviam aqueles sons guturais saírem de sua boca aberta, e invadirem o espaço, preenchendo o silêncio dos ouvidos dela. Dava-lhe uma sacudidela e chamava-lhe pelo nome. Ele respondia com um murmúrio rouco e virava-se para o lado, sonolento e despreocupado da figura ridícula que fazia quando dormia.

O fio de lã descia-lhe um caminho azul pelos joelhos. Era só percorrê-lo. Mas faltava luz. Porque o azul era maior que a claridade que entrava pela janela. Muito maior. E mais denso.

Estava numa festa — seria mesmo uma festa? — e um grande número de mulheres e homens transitavam a sua frente. Os trajes eram bonitos, vistosos, e o burburinho das vozes era geral. Alguns grupos de pessoas se reuniam pelos cantos do salão onde estavam e permaneciam por lá, conversando e bebendo e fumando. Outras pessoas andavam de grupo em grupo, conversando aqui e ali, ora com uns, ora com outros. Por isso ninguém notou sua presença quando chegou. Assim, pôde dar uma volta em torno da sala, observar bem as pessoas, até encontrar os conhecidos. Eles estavam perto da porta que dava para uma espécie de jardim. Sorriu contente por tê-los encontrado. E já ia aproximar-se quando, subitamente, percebeu que estava descalça. Não era possível! Como pudera esquecer-se? E agora? Impossível sair da festa. Impossível fugir dos amigos que lá lhe acenavam. Só lhe restava aproximar-se deles. E foi até eles, sorrindo. Eles também sorriram ao vê-la, e a receberam alegres. E, alegremente, riam e conversavam todos. Porém, a

incomodar-lhe, a falta dos sapatos, que a fazia corar pelo ridículo. Ao mesmo tempo, no entanto, uma sensação de leveza absoluta. Não sabia por quê, não conseguia sentir se estava ou não de meias, nem se havia depilado as pernas, nem se o chão era frio, nem se pisava sobre algo, quando pisava — se é que estava pisando. Só sabia que estava descalça. Mais nada. Entretanto, as pessoas pareciam não se dar conta do fato. Continuavam contando seus casos, como se nada de anormal estivesse acontecendo na frente delas. Pensou em procurar algo para calçar, e saiu andando pela casa — a festa era numa casa. Na cozinha, viu um par de chinelas havaianas com fundo branco e tiras azuis atrás da porta. Correu até elas. Seria esta sua única saída? Entristeceu-se. E uma dorzinha funda veio-lhe do coração e lhe deixou um nó na garganta.

Acordou procurando pelos sapatos. Perto da cama estavam suas chinelas de pano verde.

Precisava levantar-se.

Sentara-se no balcão do bar tentando escolher uma bebida. Por isso não soubera por quanto tempo ele a observara. Lembrava-se de que deparara com os olhos dele perguntando-a se aceitava uma bebida. Olhos de expectativa, de quem não obtém resposta nem na terceira vez que pergunta. Também olhou-o com expectativa. Queria dizer o que queria, porém, intimamente sabia que não era ela quem queria, porque sua vontade da bebida que queria não era livre: estava presa a uma relação que tinha com a bebida que desejava. Era uma relação entre ela e a bebida. De alguma forma, a bebida dizia alguma coisa dela mesma. Como, então, dizer o que queria sem dizer de si mesma?

Mas ele continuava a olhá-la, olhá-la, olhá-la...

Todas as vezes que iam sair juntos, passava horas do dia pensando na roupa que iria usar. E, quando se decidia, estendia a roupa sobre a cama até que chegasse a hora de aprontar-se.

Gostava de aparecer bonita para que ele a elogiasse. Verdade que ele não o fazia abertamente. Ele a observava. Observava-lhe

os movimentos, o jeito de olhar, de sorrir. Um observar atento e secreto, que a fazia sorrir mais, e olhar mais, e movimentar-se mais dentro dos olhos dele, pelo puro prazer de se sentir cobiçada.

Não fosse a antipatia que desde o início a ligara a ele, ela não teria gostado de ouvi-lo dizer que gostava dela. Porque ela tinha que vencê-lo, e vê-lo rendido à própria sensação de poder que despertava nela.

Tinha que ser assim...

Quis levantar-se. Precisava apanhar o novelo. Porém, levantar-se era algo demasiado complicado. Porque primeiro tinha que inclinar o corpo para a frente, depois escorar as mãos nos braços da cadeira, que lhe serviriam de apoio e, finalmente, aprumar o corpo e erguê-lo. Um processo para o qual não estava preparada. Pelo menos agora.

Se tivesse que levantar-se um minuto antes do novelo ter caído, ela não se depararia com o problema de ter que levantar-se da cadeira. Por isso a sensação de desamparo. Porque não tivera tempo para preparar-se. E uma nova sensação, desta vez de reconhecimento, invadiu-lhe a alma.

Olhou para o relógio na parede, única herança paterna com a qual se importava e que sempre a acompanhava, e percebeu que ele não era mais o mesmo. Seguia atento o caminho do tempo, surdo e mudo ao som das próprias queixas que fazia quando batia. Mas, queixava-se do que, afinal, se vivia desinteressado das fraquezas humanas, vivendo inutilmente a observar a inutilidade dos que lhe espreitavam seu próprio tempo?

Encostou a cabeça na cadeira para melhor observá-lo. Porém, conseguiu apenas experimentar novamente a sensação de reconhecimento que tivera antes de vê-lo: começara pelo final, e estava velha demais para essas coisas. Velha, e com as idéias embaralhadas por dentro.

RETRATO EM BRANCO E PRETO

Terezinha Taborda Moreira

Os cabelos longos, longos, longos cabelos longos e a boca rasgada de baton. O beijo insosso de cristalino. A gente de gerânios azuis e rosas de mãe feliz, que só mesmo ela. Os peses despisando, à margem das coisas. E a cara de sorriso, boca de sorriso. Todos os porqueses, porques. E todos talvez... Os brincos de pérolas. Ah! as pérolas... sem milagres, sem maldições, sem mágoas, sem perdões, nem tarde, nem cedo, nem coragem, nem medo. Só a vista torta. Nada da face do Criador. Nem mesmo a ilusão de criatura. Só o sadismo da criança com suas verdades cruas, e nuas. E as utopias romanáticas insossas de fortuna. Boiandarilha, de peito cheio de vazio. E cara de sorriso, boca de sorriso. As mãos espalmadas de alvura transparente, transparente... Transparente. Os cabelos longos em uma única trança sob o ombro, até a cintura. Madalena austera de arrependida, antes mesmo do pecado, de peito vazio, de olhos vazios, e de idéias azuis, vermelhas e amarelas. E de beijo cristalino de insosso. À margem das coisas. De boca de Gerânios e baton rosa e azul, e peses de pérolas, longos e longos nas tranças os cabelos, e mãos transparentes, transparentes, espalmadas, e idéias azuis, vermelhas e amarelas, e cara de sorriso, boca de sorriso, peito vazio, olhos vazios, à margem das utopias, com as verdades nuas e cruas, e rosas azuis de pérolas insossas, e o peito cheio da cara de sorriso, a vista, e as idéias azuis, vermelhas e amarelas; azuis, vermelhas e amarelas; azuis, vermelhas e amarelas...

LOLITA, MEU AMOR

Terezinha Taborda Moreira

Lolita achou melhor usar o vestido azul-claro de saia justa porque combinava com a bolsinha branca de couro e com o sapato branco que ela tinha guardado para ir em festa. Além disso, como tinha a pele muito branca e o cabelo muito louro, e os olhos de um azul muito raso, ficava toda em cores claras. Gostava assim. No fundo, preferia mesmo passar despercebida.

Do que gostava de verdade era observar as pessoas naquelas festas com barraquinha, quadrilha e tudo.

Ia beber quentão. Nunca bebeu quentão. Porque era muito quente. Não estava acostumada com a bebida. Mas a bebida despertava nela a maior atenção. Esta noite estava decidida: ia beber quentão. Foi toda transparente para a barraquinha de quentão. Comprou um copinho e saiu de perto da barraca. Não queria que ninguém olhasse se ela ia fazer careta. Bebericou um golinho. Era forte, mas era bom. Bebericou mais um pouquinho, e logo não sentiu mais que a bebida era forte. Achou engraçado acostumar com a bebida na primeira vez que bebia. Mas vai ver que era porque, no fundo, sempre teve um espírito ébrio, que nunca viu na realidade um espaço para encaixar a realidade dela. Não, ela não sonhava. Lolita? Não, isso não. Ela não sonhava. Porque para sonhar também agente precisa de um ponto fixo para apoiar o sonho da gente. Voltou na barraquinha de quentão e comprou mais um copinho. E desta vez não importou em beber na frente de gente estranha. Virou o copo e engoliu um gole grande. Quando voltou a cabeça, uma mulher passou por ela com um chumaço de algodão doce na cara.

Um homem chegou perto dela. Mas ela afastou. Mas o homem aproximou outra vez. Queria conversar com ela. Perguntou o nome dela. Lolita, respondeu. O homem disse que era um nome bonito. Perguntou onde ela morava. Ela disse que era no quarteirão atrás da igreja. O homem disse que não era dali, que tinha ido à festa com um amigo e que estava hospedado lá, na casa do amigo. Conversaram um pouco mais. O homem disse que gostou dela, que ela era bonita.

Ela ficou enjoada. Pensou que ia vomitar. Era o homem. De onde estava, viu um casal que aproveitava um cantinho escuro na beirada da igreja, beijando e tocando os corpos por entre a roupa, despercebido da festa e dos olhos dela. E o homem, ao lado dela, não parava de fazer propostas de pegar nas mãos dela. Ele queria um beijo dela, ela sabia. Viu nos olhos dele. Mas ela não queria não. Deu uma desculpa e afastou depressa, fingindo não ouvir o homem gritando e perguntando o número da casa dela.

Chegou em casa ofegando. A mãe já tinha deitado e deixou a luz da sala acesa, como era o costume. Subiu depressa também para o quarto, e vestiu a camisola longa de renda cor de rosa que ganhou da mãe no último dia que fez anos. Lembrou de fazer uns bugs no cabelo para ele ficar cacheado, e foi deitar com o quentão girando na cabeça.

Pela janela de cortinas abertas entrava a luz da lua. Lua cheia. Luz amarela. Um sono pesado teimava em fechar as pálpebras dela. Por isso ela não sabia como ele entrou no quarto. Só sabia que agora ele estava parado na frente dela, em pé, e encoberto por uma névoa que não deixava ver o rosto dele direito. Ele olhava para ela deitada na cama já tinha um tempo, mas não falava nada. E ela não sabia porque ainda não tinha gritado.

Ele chegou perto da cama e puxou a colcha que ela usava para cobrir. Depois mandou ela sentar na cama. Ela sentou. Mandou ela desmanchar a cara estúpida de surpresa e fazer o favor de fechar a boca que ficou aberta de susto desde que

viu que ele estava no quarto. Ela obedeceu. Depois ele mandou ela soltar e pentear o cabelo, porque não gostava da figura que ela fazia com bugs no cabelo. Ela pegou o pente que estava no criado, tirou os bugs e penteou o cabelo. Depois ele mandou ela tirar a camisola, porque queria que ela ficasse nua. Ela não quiz. Ele passou por trás dela e começou a desabotoar a camisola. Mas ela deu um pulo na cama e disse que fazia isso sozinha. E tirou a camisola. E esperou. Ele não falou nada. Só ficou olhando para ela. Depois chegou perto dela, beijou um dos seios dela, depois o outro seio, e abraçou devagarzinho o corpo dela. Ela ficou quietinha. Descobriu que não queria fugir. Por isso não tinha gritado. Aconchegou mais o corpo ao corpo dele. Deitaram na cama e fizeram amor. Depois continuaram bem quietinhos, abraçados. Lolita estava feliz. Não perguntou o nome dele, mas isso não importava. Bastava saber que ele provocava uma explosão dentro dela, que arrebatava os sentidos dela, que fazia ela sentir vontade de segurar a cabeça dele nas mãos e gritar de felicidade.

Ele falou que tinha que ir, mas que ela podia esperar, porque ele ia voltar. Ela perguntou quando, porque sabia que não podia, que não queria ficar muito tempo sem encontrar com ele. Ele falou que vinha uma hora qualquer, que era para ela não ficar preocupada. Ela falou que ia esperar, e virou o rosto para o lado para não ver ele ir embora. E enquanto ele ia embora, Lolita derramou umas lágrimas que misturavam a felicidade de ficar com ele com a saudade que já sentia dele.

No outro dia, a mãe teve que acordar Lolita, porque ela quase não conseguiu levantar e já estava perdendo a missa das 6:00. Ela acordou sobressaltada. Colocou um vestido branco, um véu de renda e pegou o tercinho de contas. E rumou para a igreja com uns passinhos rápidos, sem nem perceber que o sol estava nascendo.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

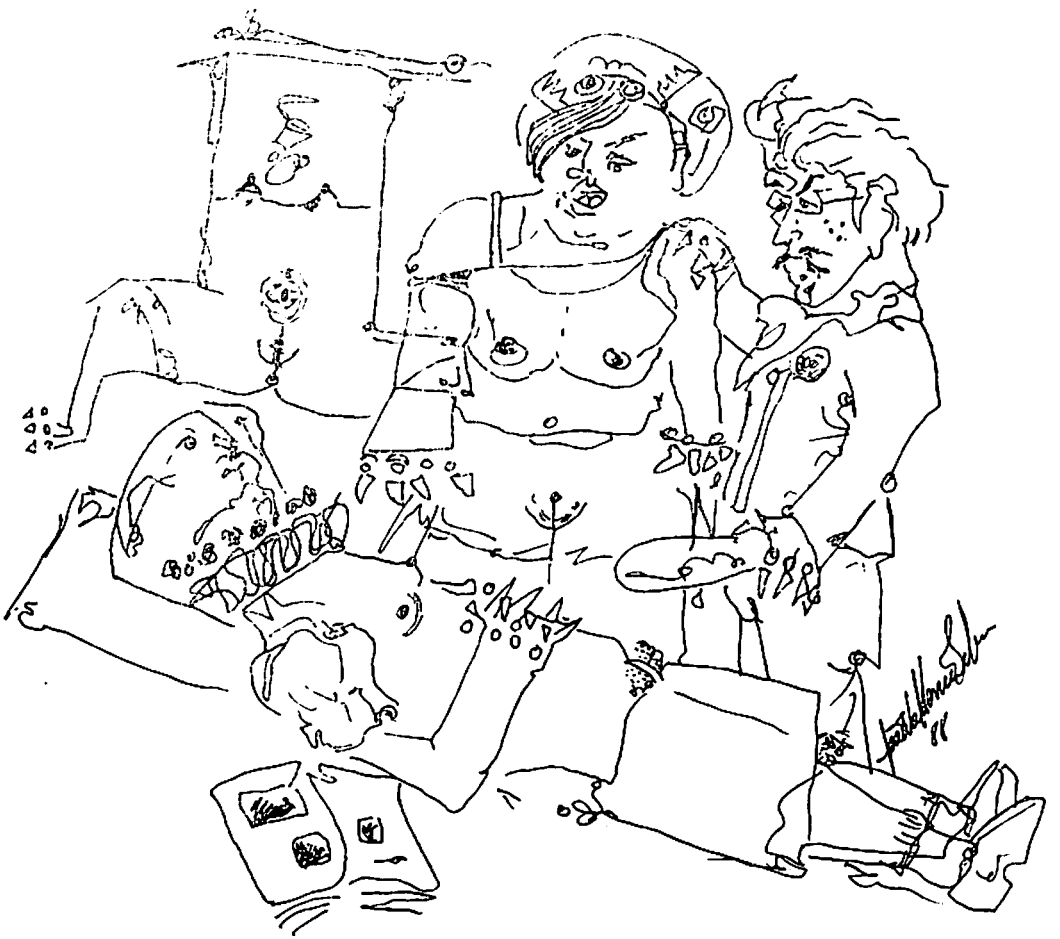


Ilustração: João Valdênio Silva

IRMÃOZINHOS

Pseudônimo: JABBERWOCKY

César Geraldo Guimarães
FACULDADE DE LETRAS

Começava com a alça encardida do sutiã aparecendo. O resto era uma banalidade de imagens. Começava assim: o cabelo oblíquo dela dividindo o rosto. Ou então assim: o céu se abaixava demasiadamente, a terra dobrava sua gravidade. Os peitinhos espetavam.

— Abre essa porta, pelo amor de Deus! (Uma mãe é sempre uma coisa raivosa detrás das portas, uma maquininha de chiliques disparada entre quatro paredes?)

Uma espiral, o desenho deles, você disse, e a língua deslizou pelo redemoinho de pelos que saía do meu umbigo. Mordi fortemente palavras como afago ou náusea. Nessa hora os passos já deviam estar deslizando nervosos pelo corredor.

Mal ouvi os murrinhos na porta (imaginei até a aliança engordurada no dedo dela, veja só) e o estrondo na porta arrebentou meus tímpanos. Pensava que os dois tinham apodrecido no álbum da família. Mamãe estava linda, fantasma brilhando a pó-de-arroz, vestindo um robe azul, aquele ensebado que combinava com os móveis da cozinha. Uma estrela despenteada envelhecendo no subúrbio.

Não ouvi a última frase que ele berrou (ele só sabia berrar), papai tão lindo, o topete grisalho ligeiramente despenteado, Elvis Presley de rosto bexiguento — porque o golpe na nuca me desligou na hora, só senti a saliva ensopada de uma doçura que apertava. Adstringente, era a palavra.

Um dia fatídico, diria o tio com suas frases de almanaque. Mas isso não foi nada. O pior foi a puta raiva que me veio ao ver que o vestido, mesmo de golinha alta, não esconderia aquelas flores roxas — tudo muito brega — que começavam a me brotar do pescoço.

RL

revista literária

CONCURSO DE POEMAS

1º Lugar

Pseudônimo: ALICE

MISIONES

Rita Espeschit

FAFICH - Comunicação Social

Chove no inverno argentino.
No céu nubes y medias lunas
no quarto calor y media luz.
A noite pulsa corpos & corações.

Ah, meu amor misionero
catequisa-me
água benta de tua boca
lava-me alma e vulva.

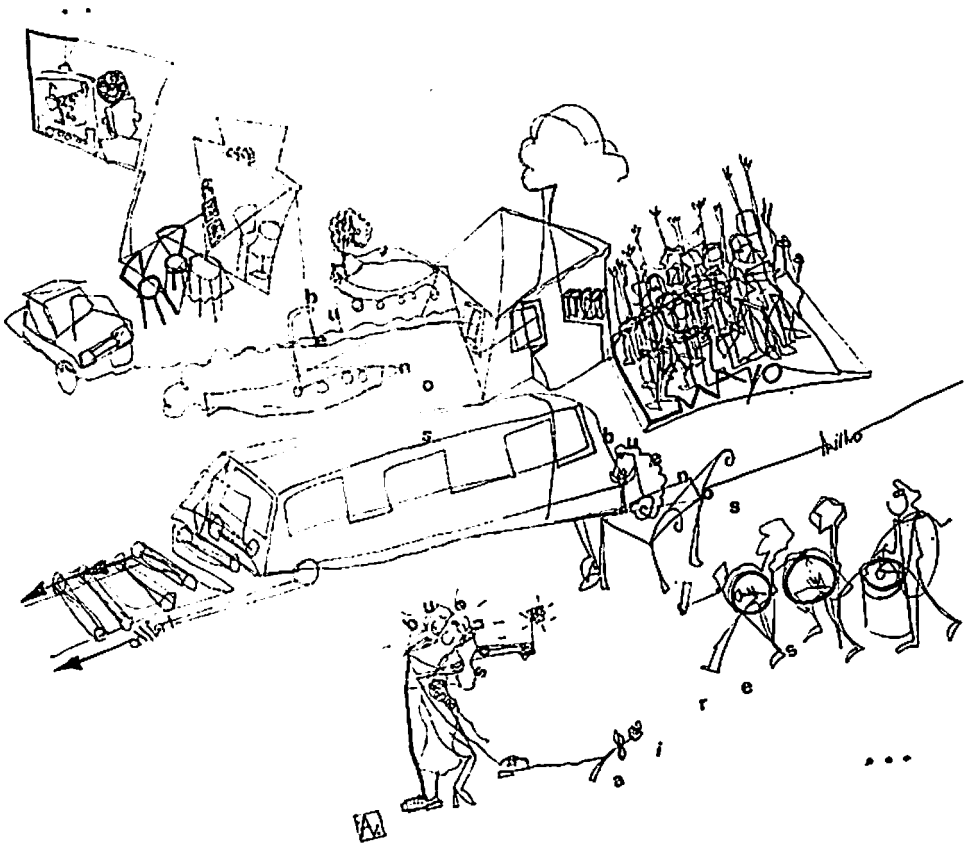


Ilustração: Adriana Leão

DELÍCIA ARGENTINA

Rita Espeschit

Um café na avenida Corrientes.
Descobrimos que submarinos
são uma delícia argentina
feita de chocolate e leite quente.

De outros submarinos, anos 40
desembarcavam os nazistas
com as boas-vindas de Perón.
Conheci seus filhos,
esfaqueando posseiros
na fazenda em San Rafael.

Eram lindos, louros e ricos
tragávamos vinho doce e marihuana
olhando a lareira em silêncio.
Livros com suásticas na estante.

No metrô a mulher com olhar tangueiro
faz o último ato sob o trem em movimento.
O triste e belo olhar porteño
exausto talvez de tantas tradições.

Maradona vendia aparelhos de TV
nos pequenos out-doors da cidade.
Charlie Garcia fazia rocks para a BBC:
não bombardeem Buenos Aires!

Buenos Aires está de pé. Com seus mini-generais
embutidos nos guardinhas que vigiam monumentos
e apitam — alto! — aos que tentam escalar
seus ídolos de bronze.

Com seus casacos de pele na lotação urbana
com seus caixeirinhos punks nos fins-de-semana
com seus velhos nas praças nos jogos de damas.
Grandes manifestações na Argentina:
40 mil velhas, senhoras e moças de família
vão ver a famosa virgem de Luján
que veio com a Igreja combater o divórcio.

Doentes lutam pela liberação da droga
anti-câncer: crotoxina! palavra de ordem moderna
dos novos loucos da Plaza de Mayo.

No aniversário de Evita, bumbos alegres nas ruas
dezenas de facções do peronismo disputam
o direito de soprar as mágicas velinhas do povo.

Andei de barco no Tigre.
Esquiei e queimei as mãos na neve.
Rodei manivela de vitrola no antiquário
e dancei tangos em 78 rotações.

Conheci a rua cinzenta e a tarde molhada
os aquecedores de ambiente a gás
neón
a cocaína a golondrina a bailarina
do Colón.
O ônibus sem trocador.
O meu amor.

Buenos Aires se transforma
em seu próprio nome
mito transformado em cidade.

COELHO DE ALICE EM WONDERLAND

Rita Espeschit

Chego atrasada ao século XX.
Tarde demais
para amar a máquina
para soar buzinas, fábricas
ou chaleiras, me lambuzar
de óleo e elétrons.

Fora de hora
na era dos pós
espeto a modernidade
na veia poética.

MODA PRIMAVERA-VERÃO

Rita Espeschit

Etiquetas famosas traçam
o corte de meu tecido nervoso.
Ordenam: escolha!
entre as quatro estações.
Múltipla escolha!
entre as cinco letras
de nosso alfabeto tão vasto.

Uma coleção de versos
confortavelmente pré-moldados
aguardam minha visita
nas vitrines do shopping-center.
São prostitutas ansiosas
e arregalam os olhos postiços
à minha recusa.

Que me perdoem os estilistas
mas meu coração tamanho 42
modelagem F estilo esporte
se afoga na exigência
de exibir nome e filiação.
Perdão, mas não me servem os uniformes
que aprisionam minha década.

Meu comitê particular dos direitos humanos
clama por liberdade
para a nudez das palavras.
Implora: que se abram, por favor
os corpetes dos foguetes
e exploda a estamparia da vida
em mil cores de fogos de artifício.

ONCE UPON A TIME

Rita Espeschit

AÍ MATEI MEU AMOR E SEUS PEDAÇOS DE CORP
O JOGUEI DO EMPIRE STATE, MEU PULVERIZAD
O AMOR, AÍ OS EMPRESARIOS DESCOBRIRAM O
MACETE E MEU AMOR EM LATA FOI AO 1º LUGA
R DAS SUPERPARADAS DOS SUPERMERCADOS. TÍ
TULO: «COMO DESTRUIR LENTAMENTE UM GRAND
E AMOR» OU «A PILHA ACABOU». AÍ EU DISSE
«MAS QUERIDO», E USEI MEU ABRIDOR DE PRA
TA 900 QUILATES. ELE RESPONDEU: «NADA DISS
O», E DESCOBRI QUE IA CHOVER. UM HOMEM E U
MA MULHER CAPTURAM SUAS VOZES. VAI CHOVER.

2º Lugar

Pseudônimo: K. BOTINO

EFÊMERO

Flávio Gonçalves Mota
FACULDADE DE LETRAS

subo ao céu
sinto o inferno

mas não posso
ser eterno
nessas terras
de papel

AMOLAÇÃO

Flávio Gonçalves Mota

versos e mais versos cortados
e você teimando em usar
o lado cego das palavras

SEM REFERENCIAL

Flávio Gonçalves Mota

num galho da mente
pousa de repente
uma idéia
e zune

o meu coração
se apressa
e a essa
mais um turbilhão
de idéias
se une

imensa colméia
espantoso enxame

e sem saber traduzi-las
limito-me a
ouvi-las
com vexame

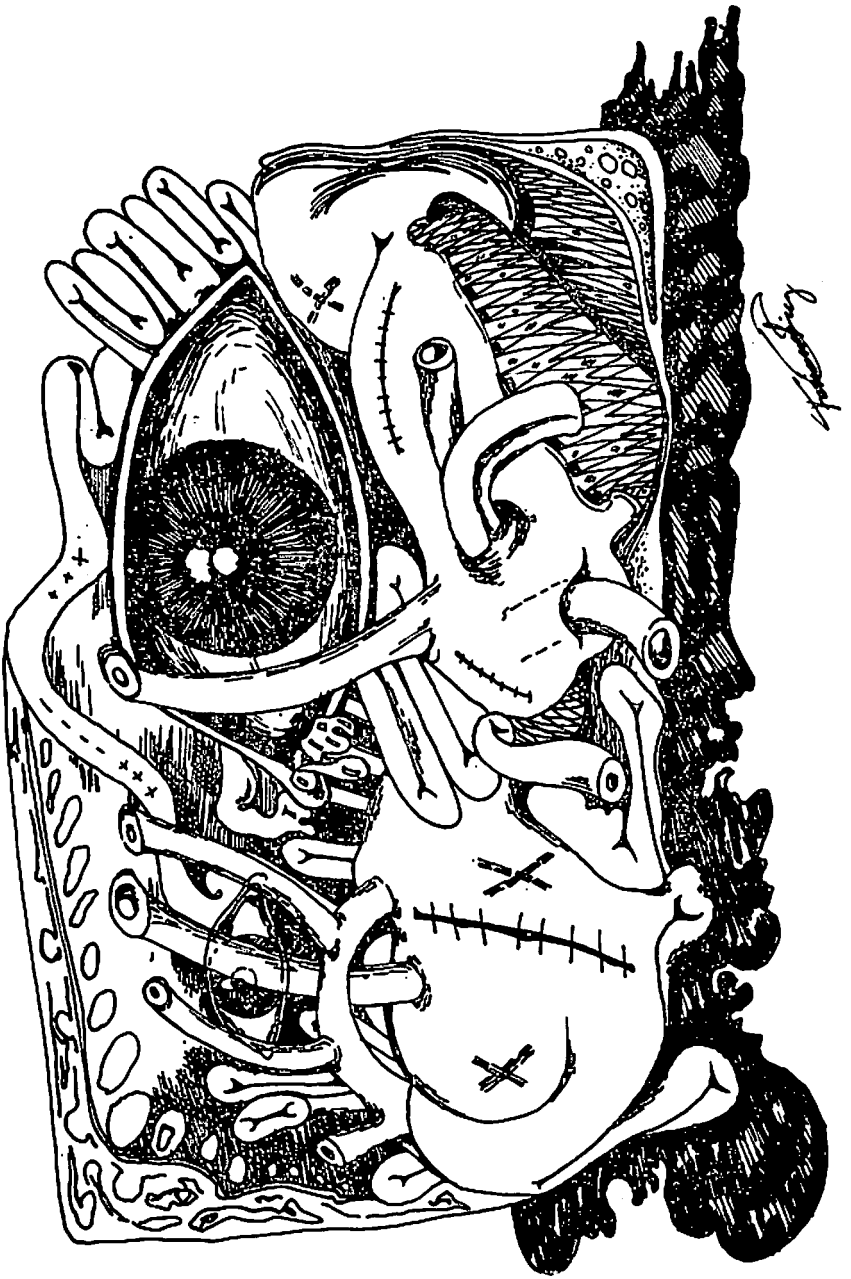
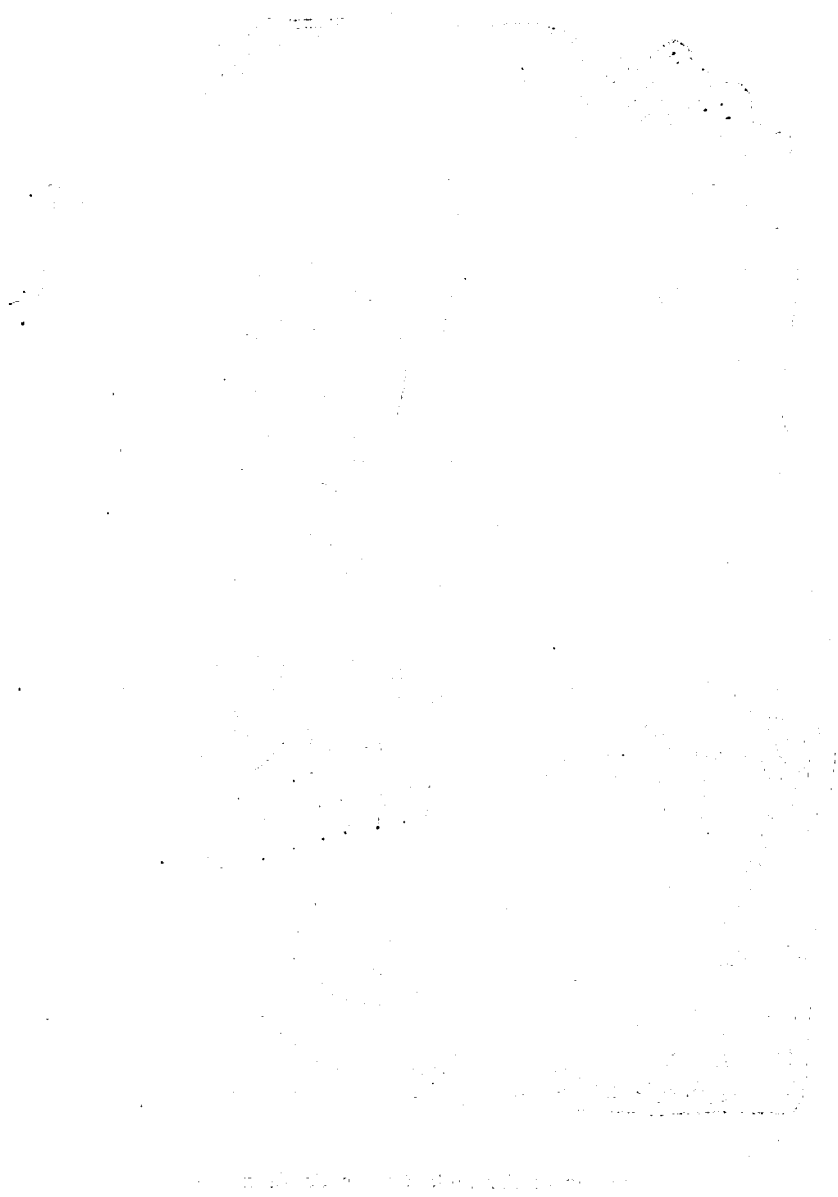


Ilustração: Fernando Gomes da Cruz



CORTE E SUTURA

Flávio Gonçalves Mota

coração
em frangalhos
olhos
vendo ilhas
pelo vão
das agulhas

DESENCANTO

Flávio Gonçalves Mota

se faço
surgirem
coelhos
apaga-me o mágico

permaneço
trágico

3º Lugar

Pseudônimo: SONZINHO

QUARTO-ABACATE

Sérgio Aurélio de Souza
FACULDADE DE LETRAS

Nas madrugadas, por detrás do abacateiro,
nasce o minguante.
Agrada-me a idéia de não serem meus
o luar e o abacateiro do vizinho.
Na inversão da sensibilidade,
por que-não um lueiro
e o quarto-abacate nascendo por trás?
Verde gostoso de se ver
contra o fundo azul-negrume!
Ao amanhecer, colher luas
para comer com açúcar ou mel.
O vizinho não se importaria:
nunca viu a lua.

CONFINS

Sérgio Aurélio de Souza

Singrando o etéreo mar
vai a ave, num vôo sem norte,
embriagada de vento leste
que, num cicio, a sacia.

Sangrando o estéril ar
vai a ave, no vôo da morte,
sugada por vento e hélice,
que num segundo a trucida.

Atrasou quinze minutos o vôo dos homens.

ROSTOS

Sérgio Aurélio de Souza

Suaves desenhos do tempo,
espelho de tantos sonhares:
o quase nunca definido
que se define na morte.

Sutis esculturas do vento,
afluente de abismos e mares:
o quase sempre indefinido
que se definha na morte.

Rostos são rastos.

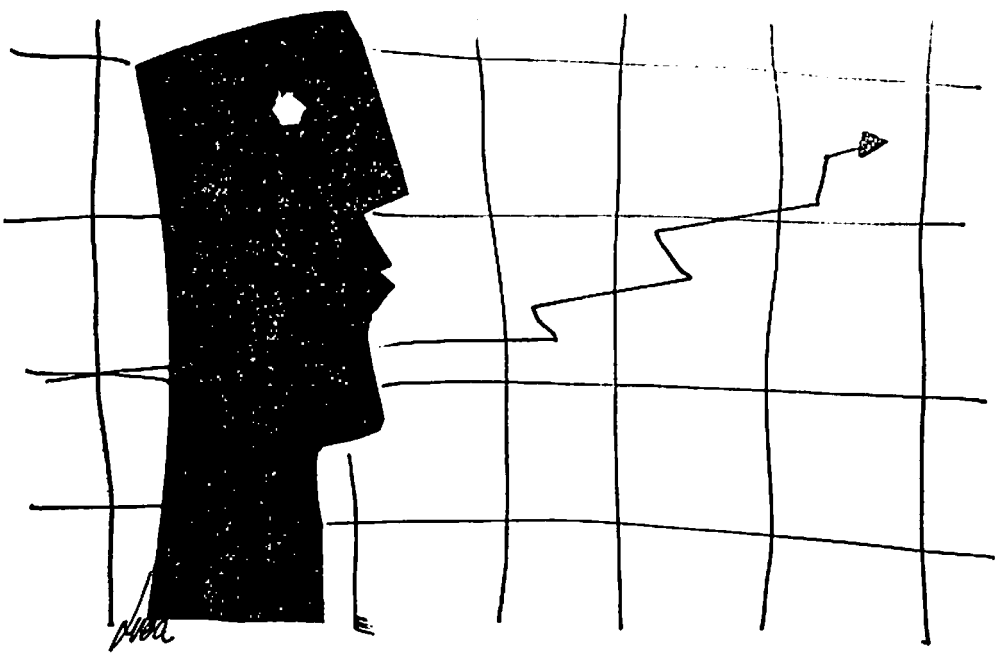
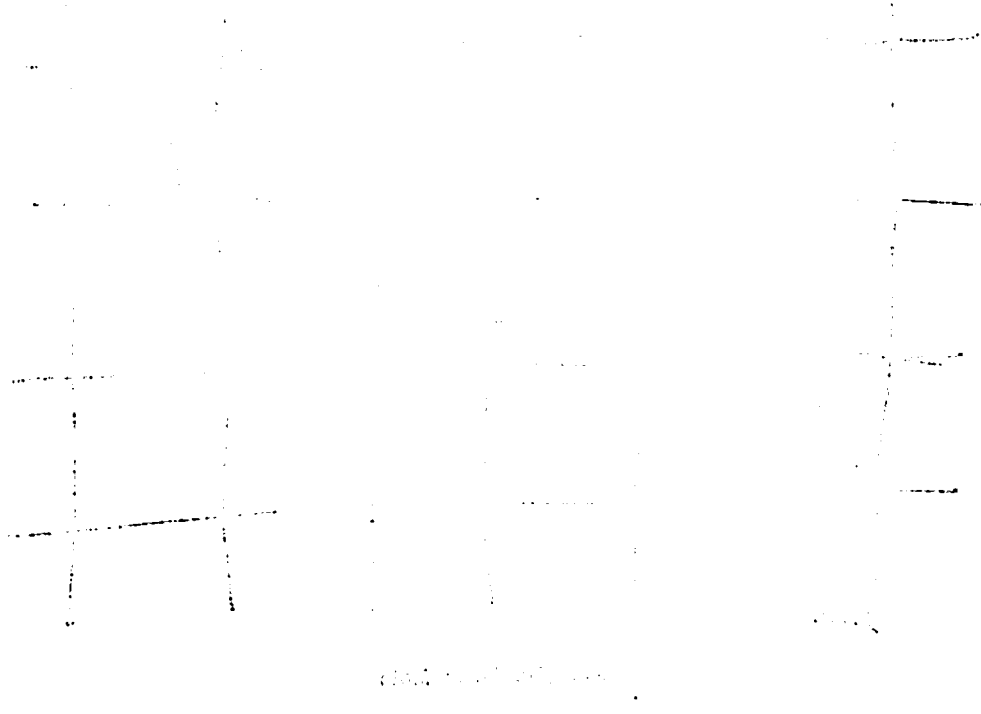


Ilustração: Lúcia Mota



LÍNGUA-DE-TRAPOS

Sérgio Aurélio de Souza

Chupando bala,
chutando bola:
chuchu.

Chávena de leite,
xícara de café:
xaxim...

No universo percussivo
o aprendizado percursivo
de amar a vida:
a maravilha.

Da peneira a pena,
da bandeira a banda,
da videira a vida:
a vida é uma uva.

FREE-JAZZ

Sérgio Aurélio de Souza

Idas e vindas,
vidas infindas:
enquanto haja luz nos olhos,
enquanto haja mar nos óleos,
enquanto Al Jarreau nos olha.
Do vídeo.

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

ОРИЗОНТ

ВА

ФАЛСАФА

RITOS DE INICIAÇÃO

Pseudônimo: ALICE

César Geraldo Guimarães
FACULDADE DE LETRAS

I

Tão indolente
martelando a morte
você plasma objetos de puro espanto.
Da dessertidão dos plurais
você diz «nós»
como se os mares varressem a terra
e os anjos copulassem em longíquos espasmos de terror.

II

Os mares febrentos da lua
tatuam no céu dragões de mercúrio.
Televisivo e barroco
o coração dessangra palavras
com unhas de fúria e remorso.

III

Oleosa e negra
a professora de literatura
ri os dentes muito brancos
e disserta:
«o amor é para preencher a morte.
Ponto final».

Na curta noite de cristal
trincada
os sapatos lustrados brilham tristes.

IV

Inútil todo enfeite dessa festa em mim
se eclipso em rouxidão
mas você me rodopia num desvario
terno, convidativo.
Abro os poros
floresço carnívoro no claustro.

V

Meu destinatário amado:
daqui só alcanço o inacessível.
Somente daqui
exilado na córnea branca do branco
posso alucinar meu desejo.

Desnudos e cabisbaixos
os verbos entregam-se a um hara-kiri sem paixão.

LIÇÃO DE CASA

César Geraldo Guimarães

Na sexta de penitência
(o coração envolto nos santos panos)
vou arroxeando adolescente
sob o cilício e o céu instável.
Seivosa
a juventude conta do sol
que colore os bichos de papel celofane.

Estacado no parapeito da dita subjetividade
não me apiedo dos objetos da paixão
nem me engano em «desta acabo a vida»,
deleite dos inocentes.

Anos a fio
eu tecendo esse fio pegajoso
— Penélope dos pobres —
a extensão do êxtase
em decibéis e desarvoramentos domésticos.

Viro o rosto
ofereço a outra face
deixo os rios correrem para o mar.
Andróginos, eles sangram entre cascatas.

Ilustração: Cláudia Paoliello

MISTÉRIOS DOLOSOS

César Geraldo Guimarães

Dos sábados recolhi o trágico
o imperialismo do meu-coração-que-ama
e a paixão nos termos da lei:
«completa pertubação dos sentidos e da inteligência».

Domingo o amor atropela
a delicadeza das babies
as putas recusam meus músculos de jovem cavalo.
Abro mão da felicidade
deixo Pasárgada entregue a um rei corrupto e caolho.

Voz do horror em off:
«quantas vezes a morte atracava
na noite barbuda da infância».

Os mistérios gozosos trancados a sete chaves.

INVENTÁRIO AMARO

César Geraldo Guimarães

I

Depois da infância —
borboleta alfinetada
ganido de cão atropelado —
a juventude relampejou num sôco
estatelada, patética,
com ânsias de vômito.

II

Ante o corpo da família
repartido na Santa Ceia
o corpo do rei deposto em postas
— tão roxo e frágil —
e os cabelos da mãe
ofertados sobre as coisas.

Os mortos incham dentro dos vocábulos:
artéria gangrenada de ausências
ordenha de pânico ganhando o curral

A alma de minha avó desce aos infernos
e beija a barba mal-feita do pai
que se contrai num rictus de navalha.
Eu apenas salivo — os caninos afiados.

ESQUIZOFRENIA EM PRIMEIRA EXIBIÇÃO

César Geraldo Guimarães

Sou profundamente autobiográfico, entende?
Ouve o canto de sereia do meu coração:...

A Vida Desencantada:
«nem te ligo, há drama demais em tudo».

Enjoado da lírica mortífera desses ais
quero ficar
mudo e sem desejo
cabeça raspada
destilando atenção pelas narinas.

Daqui, sem o mistério-verniz dos romances
digo da sangria do sexo mutilado,
pavorosa, cultivada como uma leitura.

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

ENCANTO

José Amâncio de Carvalho

Beijou um príncipe,
sua boca encheu-se de sapinhos.

Beijou os sapinhos;
sua felicidade encheu-se de príncipes.

Foi para o brejo,
à procura de um novo encanto.

MANHÃ

José Amâncio de Carvalho

ABRI OS

OLHOS

A COR

DEI

NO

DIA

GENESIS

Orlando Bianchini

«el nombre del hombre es pueblo»

«Não pisarás jamais a terra prometida,»
pois em chão te tornaste onde rasgar caminhos.

Não beberás jamais do leite desses rios,
pois em água fluíste, agora sal e mar.

Jamais terás por teu o sol do novo mundo,
porque em luz te fizeste, esta canção de fogo.

E semente e adubo para o grito da flor,
não sentarás à mesa ou comerás do fruto.

(mas viverás, e sempre, ao renascer do barro
pisado de outos homens sem rosto e sem nome

esvaídos no ar que ao morrer te sopraste
feito verbo e facada na carne do mito)

Repousa, irmão, descansa em paz. Deixa ao teu povo
tecer com as próprias mãos a bandeira da História.

BAÚ

Tânia Diniz

Os sonhos dentro do baú azul
as saudades
do ano passado
tudo em celofane
muito bem embalado
as alegrias poucas
as esperanças
loucas,
as amizades
(no meu sem-jeito
aceito
algumas, rejeito)
a fome de paixão
as dores da incompreensão
em tantos embrulhos
remexo e vasculho
reviro o meu baú
e meio sem graça retiro
meio feridos, meio tristes
minha alma guerreira,
(a meio pau sua bandeira)
e o meu corpo nu.

CONTOS

FANTASIAS DE UMA MULHER CASADA

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Com o professor de matemática, o triângulo amoroso foi um resultado não calculado. O produto de olhares coordenados, durante aquele curso de especialização, foi o desejo. A soma de tantos desejos subtraiu-lhes a repressão, multiplicou-lhes as fantasias e deixou-os divididos em uma equação de amor. Na cama, formavam um par co-eficiente. No horizontal ou na vertical, tiravam o máximo gozo comum de uma dança ímpar de eixos coordenados. A conversa fracionada —assim?/ —é.../— te gosto/ — te amo/ — pode?/ —pode..../ —vem.../— me abraça/ — me aperta/ — te adoro/ — deixa!?/ — hum, hum.../ — elevava ao cubo aquele momento de gozo. Ela jamais calculara que pudesse ser tão feliz. Os dois corpos, em linhas retas ou curvas, traçavam ângulos de vários graus formando um teorema de amor.

Com o carteiro, a conversa foi telegráfica. Antes trocaram olhares em um correio tipo mala direta.

— Quer?
— Quero.
— Quando?
— Agora.
— Agora?
— É.

— Onde?
— Aqui.
— Aqui?
— É.

No quarto, postaram-se frente à frente e beijaram-se aereamente. Puseram logo as cartas na cama e seleram aquele momento de prazer. Carimbados pelo amor, os dois, ali naquela cama, pareciam um cartão postal registrado por Eros.

Com o capitalista, dividiu toda a sua afetividade. Resgatou as dívidas de prazer que contraíra consigo mesma ao longo daquele casamento falido. Aplicou todo o seu amor naquela sociedade anônima. Suas carências nunca mais ficaram a descoberto. Aquele homem era uma apólice de prazer resgatável em um prazo fixo de cada sete dias. Ele hipotecava juras de amor e o seu desempenho na cama era adicionado a carícias que rendiam infindáveis dividendos. Duplicavam-se os telefonemas durante o resto da semana. Cada telefonema era um cheque em branco, em que ela colocava a quantia de felicidade que desejasse. Nunca tivera uma relação afetiva tão lucrativa. Quanto aos orgasmos, às vezes ele ficava em débito, mas prometia-lhe outros, em duplicata, ao curto prazo de uma semana. Ela sempre dava-lhe crédito pois sabia que os jogos de amor são como as bolsas de valor — há dias de alta e há dias de baixa. Havia também os dias de inflação de orgasmos que dava-lhe a impressão de estar saciada para sempre. Aquele homem rendeu-lhe muito prazer. Enquanto durou, ela contabilizava cada momento, somava os beijos e os abraços e depositava na alma todas as palavras doces.

Com o lingüista o sexo era polissêmico. A ele, não faltava competência e seu desempenho era invejável. Dominava a sintaxe do amor, porém não era normativo. Gostava de variações e de uma posição derivava outras. Um de seus traços distintivos era seu alto grau de aceitabilidade das fantasias da parceira. Manipulava as estruturas superficiais até enlouquecer a estrutura profunda. Esforçava-se pelo orgasmo sincrônico, mas às vezes

não resistia à intensidade da excitação. Sexo para ele não era apenas sintaxe, era um fenômeno semântico dinâmico, criatividade, inventividade, força criadora presente em todo ser humano. Não aceitava o sexo dentro dos limites do condicionamento social, vinculado à história e à cultura. Tinha seu estilo próprio. Não era fiel. Era profundamente ambíquo. Quando estava com uma mulher, comportava-se como um sufixo único, morfema preso a um único radical. Um minuto depois, transformava-se em um morfema livre, pronto a entrar no primeiro sintagma cuja escolha paradigmática lhe conviesse. Usava e abusava dos empréstimos — I love you/ Je t'aime — clichés fáticos, repetições ritualizadas que substituem o indizível, parte imprescindível do extrato sexo-fônico. Falavam o mesmo dialeto amoroso, eram a mesma substância, a mesma forma.

Com o professor de inglês, o affair não foi o happening esperado. O Kick off foi dado em um cocktail party onde ela, muito lady-like, usou todo o seu sex-appeal para conquistar mais um partner. Conversaram sobre o que era in, o que era out, big business, cult movies, pop music, best sellers, o crack na bolsa de Nova York, o apartheid e last but not least, ele fez o convite. «Vamos ao meu flat? Eu tenho uns discos de jazz que você vai adorar.» Ela achou-o super out, old-fashioned mesmo. Esperara um approach mais up-to-date, mas mesmo assim deu-lhe seu agreement. O streap-tease foi rápido. Ela estilo clean, ele youppie, cabelo new wave. Ela sentiu-se uma out-sider naquele apartamento americanalhado. Mas a esperança de ouvir «My darling, I love you», durante um show de overdose de sexo, dava-lhe a certeza de um happy-end. Na cama, ele saiu na pole position, como um big boss na hora do rush. No lugar do esperado sexo full-time, contentou-se em ouvir blues, em compact disc. Mas ela teve fair-play e fingiu não estar nem um pouco down. Afinal, the show must go on. Ela viu que aquele joint-venture estava mais para help-yourself para ele e do-it-yourself para ela. No dia seguinte, ele apareceu com um novo loock. Calça Jeans, T-shirt, tênis ALL STAR. Convidou-a para um fast-food. Neste in-between, ela fez um flash back e optou por um farewell dinner.

O SALTO

Tânia Diniz

Saudade de ver o mar. E agora ali estava. Diante do imenso azul, respirando o cheiro de sal e o mistério daquelas águas. O sol na pele, a brisa nos cabelos. O desafio das ondas.

Viu a alegria da praia. Sentiu a angústia da solidão. Percebeu as várias indagações da vida e da morte. Não compreendeu a covardia dos homens. Debateu-se em onipotência e impotências.

E com um grande suspiro, sobre a rocha usada como trampolim, arqueou o corpo no impulso e mergulhou no fundo de sua alma.

Era apenas mulher.

A VIAGEM

Magda Velloso Fernandes de Tolentino

Last night I ha'e dreamed a dreary dream
Beyond the Isle of Sky
I saw a dead man win a fight
And I think the dead man was I

Sonhei com Toni a noite passada. Talvez fosse mesmo inevitável, depois da conversa que tive com Iracema. Não lhe contei nada sobre ele, mas ele esteve em todas as palavras que eu disse. E Iracema sabia. Nada lhe contei, mas ela não pode ter deixado de advinhar pelo pouco que eu lhe disse. E tudo voltou. As sensações. Os desejos. A ânsia. Logo agora que eu estava começando a aceitar tudo outra vez. Havia já tanto tempo que não pensava nele...

E não sei bem como começou. Sim. Agora me lembro. Estavamos conversando sobre o Colégio. E senti tantas saudades...

— Sabe, Iracema, tirei tudo que podia tirar do Colégio. E mesmo assim eu tive pena de deixá-lo. Você sabe, parece que nossa vida se fecha quando saímos do Colégio.

Iracema disse que de fato no momento da formatura ela sentira que sua vida se dividia então em passado e futuro.

— Eu não podia deixar de gostar do Colégio. E do tempo de colégio. Você vê, tudo que aconteceu comigo, foi enquanto eu lá estava. Todas as minhas primeiras emoções, eu as partilhava no Colégio.

Iracema:

— Dá saudades mesmo de quando nós estávamos lá e éramos tão jovens e tão felizes.

— Não — retruquei — tenho saudades de outra coisa. Tenho saudades de quando era tão jovem e tão desesperadamente infeliz. Eu adorava o Colégio, mas era muito infeliz. Sofria com todas as forças que eu tinha. E tenho saudade disso, pois agora nem infeliz completamente eu consigo ser. Só sinto esse vazio..

Iracema escutou. Falei da mágoa. Ela disse que nunca adivinharia pela minha aparência.

— Eu sei... Mas de que serve mostrar aos outros o que não vai adiantar nada?

Fiz uma pausa forçada, pois algo me subiu à garganta ao pensar em tudo aquilo.

— Contei à Mamãe uma vez. Isto é, tentei contar-lhe. Mas não lhe disse tudo. Sei que ela nunca compreenderia. Ela se preocupou, como é natural, mas como eu me calei depois, ela considerou aquele episódio como uma outra crise.

— E era?

— Em parte era. Mas uma crise que eu já sofrera outras vezes, e desta vez com um novo fator.

Iracema abanou a cabeça. «Ela sabe», pensei. «Ela sabe o que eu não lhe disse».

— Não quer contar, Paula?

— Não adianta, Iracema.

Senti uma vontade repentina de contar-lhe. Mas não ali, na rua. E eu sabia que, tendo passado aquele momento, não lhe contaria mais. Estranho. Não via Iracema muitas vezes, embora trabalhassemos na mesma escola. Apesar disso, ela continuava a inspirar confiança. Lembrei-me de que no Colégio ela

nunca partilhara de segredinhos. O que tinha a dizer, dizia-o ali mesmo, com franqueza e honestidade. Eu podia bem compreender seu espírito confiante. Deixei o momento escapar. Tolice. Ela já sabia tanto sem eu nada lhe dizer. Talvez me tivesse aliviado um pouco contar-lhe o resto. Mas como foi, somente piorou meu estado de alma. Já estava tão conformada. Já havia me acostumado outra vez ao estado de coisas. Já conseguia sorrir para Armando sem pensar em Toni. E agora, tudo tinha voltado.

Sonhei com Toni esta noite. Sonhei que tínhamos feito uma viagem de ônibus juntos. Eu já estava no ônibus quando eles entraram. Ele e Orestes. Orestes sentou-se ao meu lado e veio conversando. Sobre tudo e todos. Como é seu costume. Toni não se dirigiu a mim, nem me cumprimentou. Mudou de lugar mais de uma vez. Eu o observava com o canto dos olhos, para que Orestes não percebesse. Só veio ter comigo quando já havíamos chegado. Onde, não sei. Nem sabia como ele havia se aproximado. Sabia que ele estava ali, perto de mim, e não havia ninguém ao redor. Eu tinha uma criança nos braços, e a criança era Ricardinho. Ele chegou, brincou com Ricardinho, fez-lhe cócegas, Ricardinho riu, e ele pegou minhas mãos. À princípio tentei retirá-las, pois não tinha aquele direito. Depois, na fração de segundos em que pensei «que adianta?» ele estava se despedindo e talvez fosse a última vez que eu o visse. Deixei-o segurar minhas mãos. Ele apertou-as carinhosamente, olhando-me nos olhos. Senti uma sensação esquisita, um calor crescendo dentro, um sentimento que eu já havia esquecido que ainda podia sentir. Deixei aquela sensação tomar conta de mim, e tudo ao redor foi sumindo, e só havia nós dois, Toni e eu, e depois eu estava só. Então acordei. Acordei com a mesma realidade com que havia descido do trem há meses atrás. Acordei para a mesma vida para a qual havia chegado daquela viagem.

Naquele dia sentira um aperto na garganta quando o trem começara a mover-se lentamente e Orestes sacudira-me a mão. Teria tanta amizade a ele assim, ou seria porque estava abandonando todos aqueles dias maravilhosos? Sentira uma súbita

onda de calor por Orestes, e com os olhos cheios d'água abanara-lhe a mão também. Naquela despedida ele representava tudo que eu estava deixando para trás.

Márcia não pudera ir até à estação conosco, pois ela tinha que colocar Ricardinho para dormir. Eu não pudera conter as lágrimas ao abraçá-la, e Márcia também chorara. Não disséramos uma palavra de adeus, era uma coisa inútil entre nós. Já havíamos feito todas as recomendações antes, as lembranças, e a amiga perguntara:

— Quando é que você vem outra vez?

Nossos olhos tinham se encontrado e Márcia compreendera naquele momento, se é que não havia compreendido antes, quando lhe disse:

— Talvez nunca mais, Márcia. Não sei mesmo se desejo voltar.

Procurei a poltrona do trem onde Orestes já havia colocado meus embrulhos e sentei-me. Ao meu lado havia uma moça. Não me lembro mais como ela era, e talvez não a tivesse distinguido no meio dos passageiros, se a tivesse visto misturada aos outros. Não procurou conversar, e essa pausa agradeci silenciosamente. Depois dos primeiros dez minutos, esqueci-me dela e virei-me para a janela.

Foi uma viagem maravilhosa. Embora cercado de pessoas a rir e a conversar ao longo de todo o carro, eu estava sozinha. Sentia-me sozinha no mundo, e no entanto nem um pouco solitária. Não tinha mais vontade de chorar. Ao contrário, sorria comigo mesma ao me lembrar de alguma travessura de Ricardinho. As pessoas que me rodeavam não existiam, eu estava à parte, separada, sozinha num mundo meu. Deixava para trás a alegria, a felicidade, o contentamento, a liberdade de espírito, e rumava para a dissatisfação, angústia, solidão acompanhada. E mesmo assim não me sentia infeliz. Não sentia aquela alegria sadia que havia sentido em São Paulo. Aquilo estava acabado e passado. Não não sentia tristeza também ao pensar no que me

esperava. Apenas não sentia nada. E não estava angustiada por não sentir nada. Era antes uma libertação do espírito, a sensação de saber que eu era eu mesma, mais eu do que já havia sido em qualquer época, em qualquer momento, sem precisar fingir ou pretender. Era um «eu» de quem podia gostar, um «eu» que não precisava disciplinar ou vigiar. Um «eu» livre. E além disso, a descoberta de que ainda podia ter um contentamento íntimo completo; e também de saber que ainda podia pertencer. Pensava em Toni; mas longinquamente. Pensava em Armando; mas também longinquamente. Pois, apesar de tudo, sabia que Armando me esperava. Soubera todo o tempo. E, reconhecia agora, tinha ainda a ilusão de que a memória de Toni encheria as minhas horas de solidão.

Fui ao carro restaurante na hora do almoço e conversei com uma companheira de mesa. Esposa de um gerente de banco. Deixara a filhinha para trás até montar casa em São Paulo. Vinha agora buscar a filha. E a empregada.

Em Barra do Paraí paramos algumas horas para fazer a baldeação para o trem que vinha do Rio. Deixei as malas na estação e saí a passear, sozinha, livre, feliz. Os outros passageiros saíram em grupinhos de dois e três. Parei no meio de uma praça e olhei ao redor. E pensei: «Isto é o mundo, mas eu não faço parte dele, pois estou sozinha. Só em todo o universo. Não há ninguém comigo, e eu tenho um mundo inteiro só prá mim. O mundo das minhas recordações, e aí, nesse momento, só existem as coisas que eu quero».

À noitinha o trem do Rio chegou e, quando embarquei, de repente estava escuro, todas as claridades do dia esvanecidas. Senti que minha companheira de banco era a mesma. Reconheci-a pelo vestido vermelho que, embora não tivesse notado, inconscientemente havia se gravado no fundo da minha mente. As luzes do trem estavam todas apagadas, a não ser lá no princípio do carro, onde havia uma mãe alimentando uma criança. Foi então que trocamos as primeiras palavras. A outra perguntou:

— Se importa se eu fumar?

Levei alguns segundos para compreender que a moça do vestido vermelho se dirigira a mim e para concentrar no sentido de suas palavras.

— Hein?! Ah! Fumar? Não. Não me importo.

A outra abriu a bolsa e foi tirando o maço de cigarros, o isqueiro.

— Pois é, meu noivo não quer que eu fume em público. Eu resisti o dia inteiro, mas agora não aguento mais.

Disse mais alguma coisa a respeito de alguns telegramas que o noivo lhe havia mandado, depois calou-se. Voltamos outra vez aos nossos próprios mundos. Surgiu uma lua no céu, mas não consegui vê-la, somente uma fresta de luar vinha até a janela e pousava no meu braço. Dentro, tudo mergulhado na escuridão. Ao meu lado, a luz da ponta do cigarro da companheira.

Olhei para fora. O trem entrava numa cidadezinha, e vi um grande cão magro passar na estrada e olhar tristemente para o trem sem ao menos se dar ao trabalho de latir. Ele estava todo banhado em luar, e era feio e sujo. Mas o senti quase humano. «Está só no mundo», pensei. «Só como eu. Mas ele está solitário, e eu não. Eu estou apenas sozinha.»

Só comecei a ficar apreensiva quando estávamos quase a chegar. Foi então que comecei a sentir tudo de novo: ansiedade, abafamento. Pensei no futuro; sacudi a cabeça para afastar esse pensamento; era como se fosse cair num abismo. Pensei em Toni: naquele momento ele se transformou em passado. Nem mais tinha aquele presente maravilhoso de contentamento — a a viagem estava terminada.

ENSAIOS

DESLICIOSAMENTOS

Ensaio Poético a Claude Monet por A Estação Saint-Lazare

Eliane Mourão e Luis Alberto dos Santos

INDEFINITO

— o espaço

O espaço se abre numa gradação delicada de horizontes. O infinito é a delimitação única. Há um alongamento sutil da visão em direção ao indefinido. Estar situado não significa ocupar um ponto no ar, mas mover-se ao mais além. Nada repousa. Não existe solidez geométrica, concretude de formas. Não há ruptura. Tudo mergulha numa plenitude de continuidades deslizantes. As distâncias se confundem, se embriagam, se dissimulam mutuamente. Estar longe significa aproximar-se, estar embaixo significa flutuar para cima, estar isolado significa integrar-se num conjunto. As perspectivas são variáveis, volúveis. O espaço é muito mais essência que dimensão, muito mais mobilidade que fronteira, muito mais volúpia que cenário.

REALITARDE

— o tempo

O tempo é ato-contínuo, viagem de trem, intervalo a ser ou não ocupado, expresso na superposição de planos: onde se

fixam exatamente os trens..., as pessoas..., as construções...? — os momentos são simultâneos. É também andamento apenas latente, está em suspenso como as linhas volatilizadas, existindo em função de uma trajetória multidimensional — tempo metafísico, transcendente. Ainda, tempo-atmosfera, sensível: vislumbramento de nuvens, pressentimento de calor na alternância de claro e escuro, desvios pelo vento, incerteza na alucinação do sol.

NUVIAGEM

— o movimento

Vejo a estação como um ente móvel. Posso ser um trem ou uma nuvem que escorrega pela cintilância fosca dos trilhos. Conceber a estação é como gerar uma referência para a minha fluidez. Posso estar indo ou chegando, posso ser lento ou veloz, monótono ou vibrante. Mas sei que sou contínuo, que sou um deslocamento em estado puro. Viajar é dissolver-se nos interstícios do tempo e do espaço. É transfigurar-se em sopro, é perceber-se enquanto fluxo. Na viagem não há unidade, mas multiplicidade de momentos e estados; não há nitidez, mas profusão de imagens pulverizadas; não há certezas, mas apenas vertigens e mergulhos.

CORPOSIÇÃO

— a composição

Não o estático, único, mas o movimento expresso em definição/indefinição de formas — ora manchas, ora retas e curvas, tudo apenas sugerido, pressentido, numa abrangência de elementos integrados, inconcebíveis como autônomos: os diversos planos são interdependentes; o sólido se dilui e se associa ao vapor, este semi-esconde o sólido; as cores se mesclam, os tons se suavizam, indeterminando limites e contornos.

IMPRESSÍVEL

oS Sons não Soam, apenaS Sibilam
a Solidez não SentenCia, Sugere Somente
a SenSatez não Soergue, Sisuda,
apenaS Simula-Se
Situa-Se enquanto SenSaCção diSSolvida
Síntese de SilêncioS SenSíveiS
Simetria de Signos em Síncope
Suaves e SinuosoS SentidoS
a SineStesia Suprema:

Sentir é atingir a Simultaneidade
de SintoniaS.

é Sim.

RAZÃO E LOUCURA EM O LOUCO DO CATI

Luiz Cláudio Vieira de Oliveira

RESUMO

O texto se pretende uma análise de O louco do Cati, de Dyonélio Machado, dentro dos limites para os quais foi escrita, isto é, servir de orientação para alunos pré-vestibulandos, e em que se analisam os elementos mais importantes da estrutura narrativa, dando-se maior destaque à temática da loucura, predominante no texto analisado.

NOTÍCIA SOBRE A OBRA

Dyonélio Machado é um autor praticamente desconhecido do grande público, apesar do valor de duas de suas obras mais importantes: **Os Ratos** e **O Louco do Cati.** Uma das razões deste desconhecimento de sua obra é a de ser um escritor sulino, editado localmente, não tendo maior divulgação no eixo cultural Rio-Minas-São Paulo.

Embora seja quase «inédito» para o público, é um autor de méritos reconhecidos por outros autores, de grande repercussão nacional, como Mário de Andrade, Guimarães Rosa e Érico Veríssimo. Consta, inclusive, que em lista dos melhores livros da literatura brasileira, deixada por Guimarães Rosa, está incluído o romance **O Louco do Cati.**

Se desejarmos incluir a obra de Dyonélio Machado dentro da seqüência inaugurada pelo modernismo, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, poderemos fazê-lo dizendo que par-

ticipa do grupo que foi rotulado como o Romance de 30. Esta afirmação só procede se adotarmos o ponto de vista de Adonias Filho,[1] que realça o caráter documental do romance brasileiro. Esta tendência, que não limita a riqueza literária, nem atenua a interiorização psicológica, observa-se na obra de autores diversos, tanto pela sociedade que retratam, quanto pela temática desenvolvida. Assumindo este caráter documental estão as obras de Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Cornélio Pena, Dyonélio Machado, Lúcio Cardoso.

As décadas de 30 e 40, no Brasil, em especial o período que vai de 1937 a 1945, constituem um período marcado por profundas modificações sociais, em que se altera a fisionomia econômica, política e social do país. A partir da Revolução de 30, que levou ao poder Getúlio Vargas, como ditador, passando pela Revolução Constitucionalista de 32, e pelo Estado Novo, que durou de 37 a 45, implantou-se no Brasil, com o apoio do exército, uma ditadura de caráter populista, com tendências para a direita, e que se caracterizou pelo caráter duramente repressivo às oposições. É neste contexto que surge o romance de 30, cujas obras mais representativas incluem **Subterrâneos da Liberdade**, de Jorge Amado, o conjunto ficcional de Graciliano Ramos e de José Lins do Rego. Apesar do caráter memorialista e de ser publicado em época posterior, é significativo lembrar **Memórias do Cárcere**, de Graciliano Ramos. Dentro deste quadro histórico podemos, portanto, situar o romance **O Louco do Cati** que, apesar de escrito há quatro décadas, guarda uma grande atualidade.

Obras do autor: **Política Contemporânea** (ensaio); **Um pobre homem** (contos); **Uma Definição Biológica do Crime** (tese inaugural); **Os Ratos** (romance); **O Louco do Cati** (romance); **Desolação** (romance); **Eletroencefalografia** (estudo); **Passos Perdidos** (romance); **Deuses Econômicos** (romance); **Prodígios** (romance); **Endiabrados** (romance).

ESTRUTURA NARRATIVA

TEMPO

Há a obediência ao tempo cronológico a partir da frase inicial do romance. A partir daí, as indicações temporais são bem marcadas, como se pode observar no início do capítulo «Aquele dia findou»: «8 horas da noite.» (p. 20) Ou então: «— Os senhores têm horas?» (p. 41) A narrativa não dá saltos, ou seja, a seqüência temporal, o tempo do relógio é obedecido, como se vê pelas citações anteriores.

A ruptura temporal se dá quando das evocações do Louco do Cati, que se desliga do presente, em que se coloca, para voltar ao passado. Este passado é indefinido: é uma época distante, indistinta, apresentada de modo vago e impreciso. Vejamos:

— «Aquele banco duro evocava-lhe um quadro antigo, o seu tanto apagado:» (p. 15)

— «A chegada deles uma noite à casa daquele velho parente,» (p. 21)

— «Era pequeno. Uma tarde. Caía o sol.» (p. 24)

— «Uma vez, o pai ainda vivia.» (p. 28)

— «Outra vez, era de manhã.» (p. 29)

Mesmo quando Norberto explica o que é o Cati, permanece a imprecisão: «Era um fim de século — século dezenove.» (p. 25) Esta fala de Norberto que assim se inicia é chamada de História. Isto ressalta ainda mais a ruptura cronológica, a imprecisão temporal, pois se sabe que a História, como ciência, procura encadear os fatos no tempo, obediente à cronologia, o mais precisamente possível. Há, inclusive, uma conotação metalingüística: a estória (o romance) se interrompe para que seja enxertado um trecho da História.

O texto apresenta, portanto, dois tipos de tempo: o tempo cronológico das ações da personagem e o tempo psicológico das evocações do Louco. Estes dois são dados ficcionais e funcionam apenas dentro da narrativa. O primeiro deles coincide com o tempo histórico, pertencendo tanto aos personagens quanto aos leitores: é a época, histórica, do Estado Novo brasileiro, possivelmente entre os anos de 1936 a 1939. O tempo das evocações e o tempo histórico, ambos remetendo a uma mesma realidade de opressão e repressão política, fazem com que o romance adquira caráter atual, uma vez que esta realidade não pertence a uma época fixa do passado, mas se repete em nossos dias, nesses últimos vinte anos.

ESPAÇO

Espaço Geográfico — A ação tem início nos arredores de Porto Alegre. A partir daí podemos seguir pelo mapa o trajeto de Norberto e do Louco. Todas as localidades citadas realmente existem: Porto Alegre, Viamão, Palmares, Quintão (Balneário Quintão), Cidreira, Tramandaí, Capão da Canoa, Torres, Araranguá (SC), Criciúma, Urussanga, Orleães, Palhoça, Florianópolis, Santos, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Florianópolis, Lajes, Vacaria, Antônio Prado, Caxias, Linha Bonita, São João do Montenegro, Santa Maria, Cacequi, Rosário, Livramento, Quaraí, Cati.

Há uma nítida preocupação do autor em indicar todo o percurso feito pelo Louco. Ele parte de Porto Alegre, vai à costa, chega a Florianópolis, ao Rio, volta a Florianópolis, chega perto de Porto Alegre, desvia-se, chega à região do Cati. É este percurso que chamamos de travessia, constituíndo, juntamente com a loucura e a repressão política, os eixos temáticos do romance. Mas este percurso só nos interessa na medida em que o espaço físico, geográfico, passa a simbólico.

Espaço Simbólico — Vimos, anteriormente, a mistura e a conseqüente oscilação dos elementos temporais. O passado é, ao mesmo tempo, presente e futuro. Estes elementos temporais fundem-se no término do livro. Da mesma forma, também no

final, o espaço físico muda-se em simbólico, concretizando a travessia que a personagem faz para a liberdade, para a libertação de si próprio. Todo o seu percurso se faz sob o signo da fuga e da repressão. Desde criança, o Cati se apresenta para a personagem como o espaço proibido, do qual não se pode sequer falar. A quebra da interdição se faz gradativamente (o Cati é constantemente nomeado), até que a personagem rompe também o espaço físico, enfrentando e vencendo o Cati. O Cati não é apenas uma região, um determinado lugar: é um estado de opressão: é o Cati dos finais do século XIX e é também o Estado Novo. É ainda o período de vinte anos de que estamos emergindo. Espaço e tempo rompem suas barreiras e extrapolam para outros lugares e outras épocas. O Cati é aquilo que tem o dom da ubiqüidade, ou seja, está ao mesmo tempo em toda a parte. A demarcação dos passos do Louco é inversamente proporcional à ruptura que se consegue: tanto mais precisa a geografia, quanto mais indeterminada a súbita sua libertação. O fim da travessia é, também, a cessação da loucura e da opressão. O Cati deixa de ser o lugar onde se oprime para ser o marco da libertação.

Cumpre fazer referência à preocupação de Leandro, o poeta companheiro de prisão, em registrar com minúcia a hora, a data e o local em que havia concluído seu poema. Tal exatidão, semelhante à que demarca o percurso do Louco, é vã e, até mesmo, humorística. Diz o narrador: «Depois de haver assim mais ou menos situado no tempo e espaço a sua produção, passou a recitá-la.» (p. 105)

NARRADOR

De um modo geral, há apenas um narrador no romance. Ele não aparece, não é nomeado, não temos idéia de como soube da estória que ora nos conta. A narrativa se classifica como de terceira pessoa e o narrador, como onisciente. Há entretanto, outros narradores, que funcionam mais discretamente, cuja função é informar o leitor sobre dados que escapam à narrativa

cronológica. Um destes narradores é o próprio Louco, que com suas evocações nos remete a uma situação passado, entrevista ou vivenciada por ele, e que se reduplica no presente da narrativa. Outro narrador é Norberto, quando conta a «História» (entre aspas) do Cati, que não é mais que uma legenda. São também narradores Geraldo, o motorista de caminhão, e Dr. Valério, que acrescentam dados sobre o Cati. Outro tipo de narrador é Leandro, o poeta a que nos referimos, que com seu soneto sintetiza a situação vivida pelas personagens. Leandro é uma figura caricatural, preocupada com detalhes menores e com a quantidade de versos produzidos.

PERSONAGENS

Norberto — Quem é Norberto? Um líder, um político, um farsante, um revolucionário, um aproveitador, uma vítima? Talvez seja tudo isto, como outros mistérios do livro, também este fica sem solução. Sabe-se que Norberto é procurado pela polícia, que o cerca e o prende; sabe-se que ele tem pressa e que quer chegar a algum lugar. No entanto, deixa-se ficar, indefinidamente, no Rio de Janeiro. Por sua confidência ao motorista e aos soldados da escolta, parece ser um revolucionário. Ele tem o dom da palavra e, através dela, lidera os demais. Ele explica, sugere, pergunta, discute, confabula, conta, relata, narra. «E Norberto contou-lhes esta História:» (p. 25) «Era o relato de Norberto, o seu depoimento. Mas era sobretudo uma narração de viagem.» (p. 71) «Então Norberto fez o seu relato. Relato número dois. Era uma longa narrativa. A narrativa de sua estadia no estrangeiro, no rio da Prata.» (p. 75)

LOUCO. Quem é, por sua vez, o Louco do Cati? Homem, cão, lobisomem, louco? Um louco com extraordinário bom senso, como mostra sua observação? «Decerto é um apelido.» (p. 15) A marca que o distingue é o chapéu. Do princípio ao fim do romance a personagem está ligada a chapéu: seja aquele inicial, fendido; seja o boné de pala verde; seja o chapéu de Norberto. O chapéu simboliza o pensamento e, mudar de chapéu significa mudar de pensamento. O Louco tem o chapéu de Norberto e,

quando de seu regresso, até o nome da outra personagem. «— É melhor diante do pessoal de bordo, tratá-lo por «Norberto.» (p. 160)

Ao falarmos, acima, das personagens, deixamos uma interrogação a respeito delas. Norberto e o Louco são o duplo um do outro, ou o reflexo invertido. Eles se opõem e se completam: razão e loucura, fala e silêncio passado e presente, fuga e retorno, interioridade e exterioridade, consciência e inconsciência. É sintomático que, desde o primeiro encontro de ambos, haja uma complementação: o cigarro e o fósforo. Norberto gosta de usar frases feitas, palavras de efeito e sempre lidera com a palavra; o Louco vive em silêncio, sempre se repete e causa estranheza. Passa a usar o chapéu de Norberto e, por fim, é Norberto. Quando, levado pelo médico de bordo, visita o outro louco, fazedor de chapéus, passa a mão na forma, lisa e sem fendas. O chapéu simboliza a integração, a identidade, a unidade do ser. Observe-se que seja um louco, percebido como um ser desintegrado e sem identidade, o responsável pela confecção de chapéus.

Qual a fronteira entre razão e loucura? «Quando o normativo e consciente aparece como enfermo ou perverso, para se obter o benévolo e saudável, dever-se-á utilizar o perigoso, inconsciente e anormal.» [2] Esta citação remete a um verso do soneto de Leandro: «— O Inferno, assim criado, entronizava o Insano.» (p. 105) Dentro da situação de exceção descrita no livro, em que a razão, a lei e a ordem surgem como irracionais, como é o caso do Cati e do Estado Novo, a loucura passa a ocupar o lugar da razão. São significativas as seguintes palavras:

«Por volta da madrugada uma idéia me surpreendeu: imaginei-me louco. Chegar-me-iam realmente aos ouvidos os sons estranhos? Seriam verdadeiros os rostos brancos, em desalento, vermelhos, nas convulsões da tosse, os vultos esmorecidos pelos cantos, cabeças erguendo-se à toa, desgovernadas, bocas escancarando-se no horror da sufocação? (...) ... convenci-me de que estava doido. (...) As cordiais relações com dementes agora me pareciam significativas: era possível que houvesse entre nós alguma semelhança. Um doido lúcido.» [3]

Este trecho foi retirado de **Memórias do Cárcere**, de Graciliano Ramos, que nesta autobiografia retrata o mesmo período histórico de **O Louco do Cati.**

Paradoxalmente, é a loucura que confere sentido ao texto. Do aparente não-senso do discurso do Louco é que surge o sentido do romance. É da sua travessia, do seu percurso feito ao caso, dos seus gritos sobre o Cati, de suas evocações esparsas que emerge o sentido, o fio que une todas as referências vagas e imprecisas, que nos configura a repressão política da época do Cati, do Estado Novo, de nossa época.

O cão é símbolo da fidelidade mas, também, o acompanhante do morto em sua última viagem. Voltamos à idéia de travessia, de percurso. É exatamente o que faz o Louco: acompanha a decadência da repressão até as ruínas do Cati. Acompanha o morto, que pode ser a Lei, o Regime, a razão oficial. O Louco é o princípio da subversão, da mudança. «É que o outro ainda é considerado mais perigoso.» (p. 83)

CONCLUSÃO

O que é o Cati? Segundo a narrativa de Norberto, é uma legenda. E o que é legenda? É uma produção lingüística que unifica e concretiza sob algumas fórmulas a diversidade e a multiplicidade do ser e dos acontecimentos. A finalidade da legenda é nos fornecer um exemplo que possa ser imitado ou repudiado. A legenda nos dá, além disso, uma medida do Bem e do Mal.[4] No romance a medida do Mal é o Cati, que funciona como um reflexo e um resíduo do Mal que ali se praticou. É um lugar maldito porque ali se fizeram maldades. Além da legenda, há no romance a referência aos contos de fadas. A mensagem destes, como a da legenda, é positiva. Isto é, mostra-nos a vitória sobre o inimigo ou o exemplo que não deve ser seguido. São as referências, no romance, à vitória do gauchinho sobre o demônio, jogando no ar os alfinetes encantados, que se transformam em espinheiro (p. 28), e à descoberta do lobisomem pela esposa, graças aos fios de tecido presos nos dentes do marido (p. 250)

Este caráter positivo, otimista, surge no final da narrativa, quando o Louco investe contra as ruínas do Cati, e recupera seu estatuto de homem. Deixa de ser o cão, fiel, medroso, silencioso, sem vontade própria, para ser novamente um homem capaz de pensar por si mesmo, de sacudir o pó das ruínas da opressão. Ao final da travessia, a loucura deixa de ser o lugar marginal de silêncio a que a relegou a sociedade e passa a ser o símbolo de subversão, de mudança desta mesma sociedade. É a loucura em luta contra a razão oficial, promotora da repressão e responsável pela transformação do homem em animal.

BIBLIOGRAFIA

1. FILHO, Adonias. **O romance brasileiro de 30.** Rio de Janeiro, Bloch, 1969, passim.
2. CIRLOT, Juan-Eduardo. **Diccionário de símbolos.** Barcelona, Labor, 1969, p. 293
3. RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere.** 14 ed. Rio, Record, 1981, v. 1, p. 132
4. JOLLES, André. **Formas Simples.** São Paulo, Cultrix, 1976, passim.
5. MACHADO, Dyonélio. **O Louco do Cati.** 3 ed. São Paulo, Ática, 1981

REFLEXÕES SOBRE MENINO DE ENGENHO

Lauro Belchior Mendes

Publicado em 1932, o romance de José Lins do Rego, **Menino de Engenho,** constitui ainda hoje um texto marcante para se discutir uma série de questões relacionadas com a problemática da literatura brasileira. Primeiramente é necessário abordar o contexto de modernidade em que surge o romance. Como se sabe, os estudiosos de nossa literatura costumam dividir o Modernismo em dois momentos distintos: a primeira fase, que compreenderia o período mais ou menos situado entre 1922 e 1930, dominada por escritores do Rio de Janeiro e São Paulo, seria em última instância caracterizada pela busca de processos de experimentação com a linguagem; em seguida, haveria uma segunda fase, compreendendo o período entre 1930 e 1945, que seria caracterizada pelo surgimento de uma ficção especificamente nordestina, com ênfase na crítica social e na observação sociológica. As obras dessa segunda fase foram então classificadas como romances regionalistas de 30 ou romances nordestinos de 30.

Tais distinções acabam por se tornar inoperantes porque reduzem os textos a alguns elementos mais evidentes em detrimento de outros cuja importância não pode ser menosprezada.

É verdade que um romance como **Memórias Sentimentais de João Miramar,** de Oswald de Andrade, de 1924, se faz sobretudo enquanto experimentação com a linguagem. Essa experimentação, entretanto, não pode absolutamente ser verificada

sem se levar em conta a profunda observação da sociedade paulista da época e a mordaz crítica que o autor a cada passo lhe faz. Igualmente, num texto como **Menino de Engenho,** é impossível ao leitor não observar o complexo trabalho de enunciação empreendido por José Lins do Rego. A propósito veja-se a reflexão do crítico José Aderaldo Castello:

> «... podemos falar em dois grandes centros de afirmações modernistas no Brasil — São Paulo-Rio de Janeiro e Recife — com atitudes comuns e também muitas divergências, aliás aparentes, se consideradas em seus aspectos polêmicos e até mesmo em suas preocupações de originalidade e independência.» [1]

Considerado como um grande bloco, o Modernismo brasileiro pode ser lido como um esforço notável, ao mesmo tempo, de renovação estética e de busca de compreensão do processo social brasileiro. Independentes dessas possíveis duas fases do movimento, nossos autores se orientam nesses dois caminhos, renovação estética e busca de compreensão do processo social, uns mais à esquerda, outros à direita, de qualquer forma abordando, discutindo, revelando ou mesmo ocultando a problemática da sociedade brasileira do século XX. É portanto dentro dessa linha de criação estética realizada através de uma leitura da realidade brasileira que situo José Lins do Rego e que pretendo colocar algumas reflexões sobre **Menino de Engenho,** objeto deste trabalho.

Menino de Engenho é o primeiro de uma série de cinco romances que o autor denominou de «ciclo da cana-de-açúcar». Os outros romances desse ciclo são: **Doidinho** (1933), **Bangüê** (1934), **O Moleque Ricardo** (1935) e **Usina** (1936).

Comentando os romances do ciclo, considerado por Adonias Filho como «um mural regional»,[2] Tristão de Athayde afirma:

---

1. CASTELLO, 1961, p. 19
2. FILHO, 1969, p. 24

«A força desse novo romancista, filho do sertão paraibano e impregnado de espírito nordestino, era refletir no seu enorme mural um problema social tipicamente nosso, a agonia de uma casta, o fim do patriarcado rural, o desmoronamento de um mundo. Assim como Balzac estudara, nos seus romances, a formação da grande burguesia em França no início do século XIX, e Proust, a decadência da nobreza e dessa grande burguesia, no fim do século — o nosso sertanejo do Pilar, filho desse patriarcado rústico, vinha refletir nos painéis épicos do seu grande mural a morte dos bangüês, a agonia dos engenhos, o domínio crescente das usinas, em suma, a desumanização da economia pela mecanização da lavoura e com isso a ruína do patriarcado e a dispersão de um povo, descendente dos escravos de outrora, e ainda não fixado no trabalho livre.» [3]

As palavras de Tristão de Athayde detalham o que seria o grande tema dos romances do ciclo da cana-de-açúcar: a vida dos engenhos na grande transformação trazida pela implantação das usinas, tema que seria retomado mais tarde em **Fogo Morto** (1934).

Em **Menino de Engenho**, entretanto, o mundo representado não é assim tão cruel: à parte a tragédia envolvendo os pais do narrador da estória no princípio do romance e as crises de melancolia evocadas, tudo se passa no melhor dos mundos. Todos quantos têm estudado o texto de José Lins do Rego são unânimes ao falar da nostalgia constante em toda a escrita, a revelar a ligação do autor com o universo representado e o seu pesar pela destruição desse mundo passado.

A construção desse universo ficcional não se deveu, entretanto, a um passe de mágica. José Lins do Rego confessava que devia sua carreira literária a Gilberto Freyre. De fato, o autor de **Casa Grande & Senzala** iria influenciar toda a geração dos romancistas nordestinos. Depois de seu retorno ao Brasil, na

3. ATHAYDE, 1986, p. 24

década de vinte, todo o trabalho de Gilberto Freyre se caracterizou pela procura de valorização do regional, no caso específico, das coisas típicas nordestinas: usos, costumes, tradições, etc. Segundo José Aderaldo Castello, pode-se dizer que «as experiências da infância e da adolescência, os estudos no Recife e os contactos com Gilberto Freyre e seu grupo, além dos reencontros posteriores com a região de origem, são os fatores decisivos na formação do romancista e explicam em termos de memória e regionalismo, a obra que escreveu.» [4] Não podendo, nem pretendendo me deter na questão da influência de Gilberto Freyre sobre José Lins do Rego, aliás confessada pelo próprio romancista, como vimos, gostaria apenas de relembrar aqui apenas como curiosidade um poema escrito pelo sociólogo em 1925 e que se intitula justamente «Menino de Engenho»:

MENINO DE ENGENHO

O menino de engenho era decerto
criatura menos sacrificada à gravidade
de trajo e vida que o nascido nas cidades.

Nas almanjarras
com os muleques
seus camaradas
leva-pancadas
brincava de carrossel
um carrossel
a que servia
de caixa de música
e cantiga do tangedor.

Montava a cavalo
saía pelo mato
com o muleque
a pegar curiós

4. CASTELLO, 1961, p. 95

No tempo da cana madura
chupava com delícia os roletes
que lhe torneavam a faca
os negros do engenho.

Gostava de fazer navegar
na água das levadas
em navios de papel
moscas e grilos
personagens dos romances de aventura
que inventava
antes de conhecer negras nuas
e viver seus primeiros romances de amor.[5]

Creio não ser necessário comentar o poema, pois é visível a transparência que ele mantém com o romance de José Lins do Rego, inclusive na valorização do passado tido como época áurea da vida.

A valorização do passado aponta para outra questão fundamental quando se fala de **Menino de Engenho** que é o papel desempenhado pela memória na escrita do romance. Em artigo sobre a ficção brasileira modernista, Silviano Santiago fala da «postura memorialista do texto de ficção» e lembra como Oswald de Andrade e José Lins do Rego reescrevem «o mesmo livro, o mesmo livro dado de presente pelo texto da lembrança, só que agora sem a moldura conivente de 'romance': **Um Homem sem Profissão** e **Meus Verdes Anos.**»[6] Ressaltando as ligações dos textos memorialistas com **Memórias Sentimentais de João Miramar** e com **Menino de Engenho**, Silviano Santiago conclui: «Essa coincidência é tanto mais significativa porque nos mostra como são frágeis as distinções de escolas literárias (Oswald, do grupo de São Paulo, contra Lins do Rego, do grupo do Nordeste) e como são fluidas e pouco pertinentes as fronteiras entre discurso ficcional memorialista e discurso autobiográfico no con-

5. FREYRE, 1971, p. 129-130
6. SANTIAGO, 1982, p. 33

texto brasileiro.»[7] A expressão «discurso ficcional memorialista» é de grande felicidade, pois, se é certo que José Lins do Rego foi ele próprio «menino de engenho», como o prova **Meus Verdes Anos**, o texto de ficção tem que ser lido enquanto tal, não importando mais a coincidência ou não com fatos reais da vida do autor. Nesse sentido, faço minha a reflexão de Mário Vargas Llosa sobre a gênese do romance:

> «Um romance não resulta de um tema subtraído à vida, mas, sempre de um conglomerado de experiências, importantes, secundárias e ínfimas que, acontecidas em diversas épocas e circunstâncias, empoçadas no fundo do subconsciente ou frescas na memória, algumas pessoalmente vividas, outras simplesmente ouvidas ou talvez lidas, vão de maneira paulatina confluindo até a imaginação do escritor e esta, como uma poderosa misturadora, as desmanchará e restabelecerá numa substância nova, à qual as palavras e a ordem dão outra existência. Das ruínas da realidade real surgirá então algo muito diferente, uma resposta e não uma cópia: a realidade fictícia.»[8]

A criação da realidade fictícia pressupõe portanto o concurso da memória, à qual vem ajuntar-se o Inconsciente no intricado terreno da criação artística. Essas observações são necessárias, porque, se por um lado é inegável a contribuição da memória autobiográfica na escrita de **Menino de Engenho**, por outro, é fundamental reconhecer a autonomia do texto enquanto obra de ficção.

Ao falar de **Menino de Engenho**, José Aderaldo Castello fala que existe no romance uma «absoluta falta de plano»,[9] devido à «espontaneidade» [10] da narrativa e à «ausência de argumento»,[11]

---

7. Idem, ibidem.
8. LOSA, 1979, p. 72-73
9. CASTELLO, 1961, p. 119
10. Idem, p. 121
11. Idem, p. 123

chegando mesmo a definir o texto como um «romance sem romance».[12] Infelizmente não posso concordar com o eminente crítico da Literatura Brasileira. O fato de **Menino de Engenho** quebrar a estruturação tradicional do romance, buscando um outro plano para uma outra escrita é que vai dar-lhe um lugar na ficção modernista brasileira e garantir-lhe as qualidades estéticas desejadas pelo seu autor.

Enquanto narrativa em primeira pessoa, é o narrador da estória de **Menino de Engenho** que concentra inicialmente a atenção do leitor. Já aqui, dois planos devem ser observados:

a) a reconstrução da vida de criança de Carlinhos, que vai para o Engenho Santa Fé com mais ou menos quatro anos, ali permanecendo até os doze. É o crescimento da personagem que estabelece a dimensão cronológica no texto, porque, a rigor, vários capítulos poderiam ser colocados em ordem diferente da que aparecem, sem alteração do resultado final da estória que é contada. Como ilustração, cito os capítulos que descrevem a cheia, o incêndio, as visitas de parentes do Recife e a outros engenhos vizinhos, as histórias da Velha Totonha, o relacionamento dos negros com o avô, etc.

b) Um segundo plano é o plano do narrador propriamente dito que revê o passado e faz uma reconstrução desse passado, através do seu ato de escrita. Obviamente tudo no texto se faz por esse narrador adulto e nostálgico em busca do tempo perdido. Vejam-se os exemplos que se seguem e que falam justamente da permanência do passado no presente da escrita.

1 — Sobre seu pai:

> «Coitado do meu pai! Parece que o vejo quando saía de casa com os soldados, no dia de seu crime. Que ar de desespero ele levava, no rosto de moço!» [13] (p. 48)

---

12. Idem, ibidem.

13. REGO, 1986. Observação: Todas as citações de **Menino de Engenho** remetem a essa edição e o número da página vem no texto entre parênteses após as citações.

2 — Sobre sua mãe:

«Horas inteiras eu fico a pintar o retrato dessa mãe angélica, com as cores que tiro da imaginação, e vejo-a assim, ainda tomando conta de mim, dando-me banhos e me vestindo. A minha memória ainda guarda detalhes bem vivos que o tempo não conseguiu destruir.» (p. 49)

3 — Sobre a prima Lili:

«Ainda hoje, quando encontro enterro de criança, é pela prima Lili que me chegam lágrimas aos olhos.» (p. 59)

4 — Sobre os colegas pobres:

«Parece que ainda os vejo, com seus bauzinhos de flandres, voltando a pé para casa, a olharem para mim, de bolsa a tiracolo, na garupa do cavalo branco que me levava e me trazia da escola.» (p. 77)

5 — Sobre os casos contados pelo Avô:

«Estas histórias do meu avô me prendiam a atenção de um modo bem diferente daquelas da velha Totonha. Não apelavam para a minha imaginação, para o fantástico. Não tinham a solução milagrosa das outras. Puros fatos diversos, mas que se gravaram na minha memória como incidentes que eu tivesse assistido. Era uma obra de cronista bulindo de realidade.» (p. 137)

6 — Sobre a ausência de sentimento religioso:

«Muito depois, esta miséria de sentimentos religiosos se refletiria em toda a minha vida, como uma desgraça.» (p. 148)

São inúmeros os exemplos que poderia citar, mas gostaria de ressaltar nesses que acabamos de ver expressões como: **vejo, fico a pintar, memória, ainda, a olharem para mim, ainda hoje, chegam, muito depois,** que marcam indiscutivelmente a força que o passado exerce sobre o narrador.

Segundo o próprio José Lins do Rego, ao escrever **Menino de Engenho,** ele tinha a intenção de «traçar a biografia de seu avô, o velho José Lins, que era para ele o tipo representativo de senhor de engenho, expressão legítima do patriarcalismo rural da região açúcareira do nordeste.» [14] De fato, a figura do velho José Paulino domina a narrativa, chegando mesmo a disputar com o menino Carlinhos e com o narrador o papel de protagonista ao longo dos quarenta quadros que compõem a estória. José Paulino e o engenho, proprietário e propriedade formam uma só entidade: tudo tem a solidez da riqueza bem estabelecida. Em sua rememoração do passado, o narrador manifesta quase que um culto pela figura do avô, como se pode ver por estas expressões disseminadas na narrativa: «homem de bem» (p. 50), «figura alta e solene» (p. 53), «ar de tranqüilidade» (p. 62), «justo e bom» (p. 85), «governava com o coração» (p. 116), «coração de bom» (p. 139).

A profunda admiração do narrador pelo Coronel José Paulino revela toda a nostalgia pela perda da segurança encontrada na infância. Pode-se dizer que essa admiração se transforma no **leitmotiv** principal da estória, configurando-se em situações memoráveis, como esta em que o cangaceiro Antônio Silvino visita o Santa Fé:

> «Não havia, porém, perigo de espécie alguma. Antônio Silvino vinha ao engenho em visita de cortesia. Um ano antes ele estivera na vila do Pilar noutro caráter. Fora ali para receber o pagamento de uma nota falsa que o Coronel Napoleão lhe passara. E não encontrando o velho, vingara-se nos seus bens com uma fúria de vendaval. Sacudiu para a

14. CASTELLO, 1961, p. 122

rua tudo o que era da loja, e quando não teve mais nada a desperdiçar, jogou do sobrado abaixo uma barrica de dinheiro para o povo. Mas com meu avô, o bandido não tinha rixa alguma. Naquela noite viria fazer a sua primeira visita.» (p. 62)

Uma outra situação registrada pela memória do narrador, refere-se às andanças do Coronel José Paulino por seu latifúndio, reiterando a identificação entre o senhor e a propriedade, como se pode ver nesta passagem:

«Meu avô me levava sempre em suas visitas de corregedor às terras de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca.» (p. 80)

O retrato traçado pela memória é sempre positivo, ressaltando a riqueza, a bondade e o senso de justiça do velho Coronel. É o que se observa em todo o texto e que atinge o seu ponto máximo na passagem a seguir, quando o narrador relembra as conversas do avô sobre a abolição da escravatura e sobre o comportamento de seus ex-escravos:

«Quando veio o 13 de Maio, fizeram um coco no terreiro até alta noite. Ninguém dormiu no engenho, com a zabumba batendo. Levantei-me de madrugada, para ver o gado sair para o pastoreador, e me encontrei com a negrada, de enxada no ombro: iam para o eito. E aqui ficaram comigo. Não me saiu do engenho um negro só.» (p. 136)

A bondade e a justiça sempre referidas na escrita camuflam, entretanto, outros aspectos que são desprezados, como por exemplo o violento contraste entre a riqueza da casa-grande e a pobreza

dos trabalhadores do engenho. É interessante lembrar que mesmo após a abolição dos escravos, o coronel José Paulino mantém a postura de escravagista que, no entanto, é minimizada pelo discurso sedutor do narrador. Há no livro um capítulo notável sobre essa questão. Refiro-me ao capítulo dezoito onde o Coronel manda colocar no tronco — hábito escravagista, por excelência — o negro Chico Pereira, suspeito de haver violentado a mulata Maria Pia. Após algum tempo de tortura, a verdade aparece: o violentador não era o negro mas o Dr. Juca, filho do Coronel. Diante da trágica verdade, o Coronel, que exigia o casamento, se cala, o caso fica encerrado e a branquitude da família de Santa Fé garantida. A moral e a justiça, portanto, para brancos e negros não é a mesma. De resto, brilha na cena evocada a ambigüidade da moral patriarcal: ao tomarem conhecimento das atividades sexuais de Carlinhos, as negras relembram a repetição do comportamento do avô quando jovem. Assim, José Paulino, Dr. Juca, Carlinhos são os elos de uma cadeia que se renova a cada geração e que promovem a continuidade do machismo.

Há na grande galeria de personagens de **Menino de Engenho** uma sobre a qual não poderia deixar de falar. Refiro-me a velha Totonha, segundo o autor «uma viva da **Mil e Uma Noites**» (p. 94). Essa personagem exerce sobre Carlinhos um fascínio tal que vai influenciá-lo mais tarde na sua própria escrita:

> «Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história.» (p. 95)

Exímia contadora de estórias, Totonha sabia adaptá-las à realidade próxima aos engenhos. Dessa forma, no final da estória da madrasta má que enterra a enteada, quando se estabelece a verdade, o pai — transformado em senhor de engenho — dá carta de alforria aos negros que dançam coco durante vários dias (p. 95). Os reinos são engenhos fabulosos (p. 96), Jesus

Cristo dorme num rancho (p. 95), São Pedro encontra duas cargas de farinha e de carne (p. 98), tudo transformado pela mágica narradora da velha e suas estórias. Todos os autores que têm estudado a obra romancesca de José Lins do Rego reafirmam a grande atração que as narrativas de contadores humildes, praticamente analfabetos, exerceram sobre o escritor. A esses narradores anônimos o autor de **Menino de Engenho** presta uma bela homenagem através da velha Totonha e através da própria linguagem utilizada no romance, simples, espontânea, sem maiores complicações. Com isso, entretanto, não quero dizer que o texto seja assim por um toque de mágica: a simplicidade, a espontaneidade e a ausência de complicações são uma opção do escritor e não significam absolutamente que ele não tenha realizado um complexo trabalho de escrita para atingi-las.

Muita coisa ainda poderia ser dita sobre **Menino de Engenho**, principalmente sobre o relacionamento com os outros textos do ciclo de cana-de-açúcar, pois, conforme observa Mário de Andrade «José Lins do Rego é desse gênero de artistas cuja obra só adquire toda a sua significação em seu conjunto.» [15]

Para finalizar, gostaria de refletir sobre um ponto que considero fundamental na obra de José Lins do Rego: refiro-me a certa ambivalência presente em seu discurso. Se por um lado, esse discurso se realiza enquanto postura da classe dominante brasileira, por outro ele possibilita uma leitura do comportamento dessa mesma classe. Essa leitura, isto é, a recepção da obra, deve tornar clara a dimensão ideológica do texto, mostrando o seu alto grau de sedução e de comprometimento. Mais uma vez recorro à reflexão arguta de Silviano Santiago, para esclarecer essa sedução e esse comprometimento com a classe dominante:

> «Nos melhores romancistas do Modernismo, o texto da lembrança alimenta o texto da ficção, a memória afetiva da infância e da adolescência sustenta o fingimento literário, indicando a importância que a narrativa da vida do escritor,

15. ANDRADE, 1972, p. 137

de seus familiares e concidadãos tem no processo de compreensão das transformações sofridas pela classe dominante no Brasil, na passagem do Segundo Reinado para a República, e da Primeira para a Segunda República. Tal importância advém do fato de que é ele — o escritor ou o intelectual, no sentido amplo — parte constitutiva desse poder, na medida em que seu ser está enraizado em uma das 'grandes famílias' brasileiras.» [16]

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário. **O Empalhador de Passarinhos.** São Paulo, Martins-MEC, 1972

ATHAYDE, Tristão. Zé Lins, IN **Menino de Engenho.** 38ª ed. Rio, Nova Fronteira, 1986

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo.** São Paulo, EDART, 1961

FILHO, Adonias. **O Romance Brasileiro de 30.** Rio, Ed. Bloch 1961

FREYRE, Gilberto. **Seleta para Jovens.** Rio, INL/MEC, 1971

LLOSA, Mário Vargas. História Secreta de um Romance, IN **A Casa Verde.** Rio, Nova Fronteira, 1977

REGO, José Lins. **Menino de Engenho.** 38ª ed. Rio, Nova Fronteira, 1986

SANTIAGO, Silviano. **Vale Quanto Pesa.** Rio, Paz e Terra, 1982

16. SANTIAGO, 1982, p. 31

ANÁLISE DO DISCURSO PEDAGÓGICO

Valéria Martins de Souza

(Trabalho final apresentado à Profª Graça Paulino na disciplina «Análise do Discurso» do Curso de Graduação em Letras da UFMG, 1986).

INTRODUÇÃO

Tomando por base alguns textos sobre Análise do Discurso (Orlandi, Veron), Ciências Sociais (Bourdieu) e Pedagogia (Laura Cançado e Maria das Graças de Castro Bregunci), bem como observação e registro de diálogos e falas, tanto de professores quanto de alunos da Faculdade de Letras e da Faculdade de Educação, este trabalho, longe de situar os discursos pedagógicos, em curso nestas duas faculdades, em perspectiva autoritária ou não, vai-se converter em tentativa de caracterizar, na fala de professor (monólogo), ou de professor com aluno, ou mesmo de aluno para aluno, o discurso que hoje vemos estabelecido dentro e fora das salas das faculdades de Letras e Educação da UFMG.

Não seria, o presente o trabalho, uma concordância com o que Eni Orlandi situa como autoritarismo no discurso pedagógico, dentro do que ela usa para caracterizá-lo: «Ao nível da linguagem sobre o objeto, o uso de dêiticos, a objetalização («isso»), a repetição, perífrases». Não nos parece, pelo menos, que o autoritarismo seja evidente porque na linguagem do professor ocorram tais fenômenos.

Por outro lado, todavia, poderíamos tomar auxílio a algumas de suas colocações acerca da circularidade, no discurso, da paráfrase, da mediação e, principalmente, da metalinguagem e do chamado «estatuto da necessidade» — a avaliação, que, por vezes, reveste os discursos dos professores do mais crasso autoritarismo.

Verifica-se, no trabalho, a checagem também de outras colocações de Eni Orlandi acerca dos papéis de professor e de aluno, da estagnação ou cristalização do professor como falante e do aluno como ouvinte, o que nos faz crer ser essa uma característica que aponta para o autoritarismo nas situações de discurso.

As contribuições de Verón resumem-se, principalmente, na referência aos «sintagmas cristalizados» evidentes nas falas de muitos professores e alunos.

Bourdieu também vai sustentar colocações desse trabalho quando se refere ao chamado «valor universal dos valores universitários» que se evidencia na fala de alguns professores em relação aos alunos, bem como da situação dos chamados laureados, «cu-de-ferro», que serão analisados mais tarde, quando se discorrer sobre um certo pacto discursivo que possibilita a troca de interlocutores e que nada mais é do que um mascaramento do autoritarismo presente em sala de aula. E, aqui, mais uma vez Eni contribuiu com suas colocações.

«Há, em relação à escola uma seleção que decide, de antemão, quem faz parte dela e quem não faz, quem está em condições de se apropriar desse discurso e quem não está. Há, entretanto, um outro processo interno, que não é o da simples seleção mas do esmagamento do outro.»

DESENVOLVIMENTO

Na tentativa de caracterizar, com base nas falas coletadas, os vários discursos atualizados por professores e alunos, importa propor uma divisão, com fins didáticos, situando:

1. O discurso moralista da professora M.
2. O paternalismo doce da professora A.
3. O abuso da mediação (vários professores).
4. A troca de interlocutores (o pacto).
5. Nota — palavra de ordem no discurso do aluno.

Por ser um trabalho que envolve falas distintas, num ambiente de situação educacional, fica difícil garantir que as colocações não vão se repetir, bem como que não haverá nenhuma referência a uma sociologia grosseira da universidade, pelo menos, para efeito de se contextualizar algumas falas.

1. O DISCURSO MORALISTA DA PROFESSORA M.

Pensemos em moralismo no que este impinge em termos de regras de boa conduta, de deveres e leis que, desobedecidos, acarretem situação de vergonha ou marginalidade e, em caso extremo, exclusão do convívio com outros. É a essa definição que se assemelha o discurso da professora M., desde os procedimentos (chamada todos os dias, roteiro de como será feita a avaliação durante o semestre — sem palpite dos alunos, é bom que se diga) até as evidências na fala — que é o que nos vai interessar mais de perto.

Mas como, ao nível da fala, essa professora deixa transparecer um código moral?

O sentimento de dever que, segundo Orlandi, preside o discurso pedagógico, vai aqui se resumir numa palavra, que, se não há engano, foi dita em torno de duas vezes a cada aula dessa professora: «decência».

«Eu vou levar isso pro colegiado, mas, em princípio, nós precisamos ter em mente que o curso precisa ter um mínimo de decência.» (36)

«Não sei porquê, a sua obrigação é só ler o texto e perguntar, se tiver dúvida. Numa democracia, é preciso fazer uma tarefa mínima (ler). Sem ler, não se faz um curso decente.

Vocês assim, fazem a ditadura do aluno. Não lêem e o professor tem de aceitar.» (4)

Mas a justificativa para que se prefira o comportamento docente (ler os textos, trazer as sínteses, repetir com nossas palavras frases ditas por ela) é tornada viva na fala em frases do tipo «é porque é» e em posições cristalizadas sobre, principalmente, o papel do aluno («aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender»). O curso torna-se um verdadeiro receituário de como ser decente na universidade.

«Cada comunidade, cada indivíduo deve determinar sua vida. As minorias têm todo direito de discordar e fazer diferentemente, o homem precisa ser livre.» (30)

«Mas se a gente não cobrar, se não houver um mínimo de cobrança, a tendência dos alunos é acomodar.» (24)

«A — Eu gosto de comprar livro. Detesto xerox. Gosto de organizado.

B — Mas eu não tenho dinheiro, professora.
A — Mas um livro custa mais barato que cerveja.
B — É. Mas eu não bebo cerveja, não.
A — Mas tem outras coisas que custam mais caro que o livro.
B — (do pacto) EU gasto mesmo é com o cigarro.
A — Está vendo? Cigarro custa mais caro que livro.» (25)

«Fique pra você aprender.» (50)

«É preciso que fique alguma coisa depois que tudo passou. Se não anotamos uma síntese mínima, necessária, depois, nada fica.» (18)

É importante que se registre que a posição do professor falante não era constante. Os alunos, em geral, eram «convidados» a falar o que, dentro do código moral de M., significava mérito e crédito. Essa fala, entretanto, não constituía troca de interlo-

cutores, situação de diálogo. Era uma paráfrase às colocações da professora que, não raro, exigia repetição dessas mesmas paráfrases em aulas, mais tarde.

— «Como você diria isso com suas palavras?»

— «Mas a Maria Lina não falou hoje. Ela deve estar querendo dizer qual é a diferença entre os dois planos.»

— «Você entendeu o que o Alexandre disse, José? Então repita.»

O que então se verifica, é que a fala dos alunos era devolvida à professora sob a forma da IB [IA (R)].

Com essa imagem da professora ao centro, tudo se convertia em paráfrase: as falas, as sínteses, as aulas. E por que devíamos assim fazer? Porque era decente, Porque era o mínimo (dentro dos parâmetros «de quem?») e era o necessário («a quem?»).

A par de que, no discurso que Orlandi considera como autoritário, o referente é mascarado pela metalinguagem e pelo professor cientista, não é de se estranhar como os alunos puderam passar o curso, sem questionar o conteúdo. O que eles, em verdade, questionaram foi a forma de avaliação e a possibilidade de prolongamento do curso utilizada pela professora. Dito de outra forma, é como se os alunos dissessem: o que você ensina não interessa, o que interessa é que você consiga resposta positiva ao que o seu imaginário espera de nós e, portanto, nos dê nota boa, porque soubemos corresponder às suas expectativas.

Vejamos as citações:

«Ela não vai dar prova mesmo!»

A — «A argumentação não procede.»

B — «Mas nós sempre entregamos trabalhos juntas na nossa Escola.»

A — «Então, façam juntas mas entreguem dois papéis. Pronto!»

B — «Saco!»

A — «Saco não! Na sociedade, a gente é cobrado, individualmente. Por isso é que a gente não vai pra frente nunca.»

(Ver fala 36 do apêndice).

Essa discussão foi amansada e abafada com: «E vocês não gritem não, que a outra sala está em aula e pode pensar que vocês são malucos.» «Vocês vão pegar um papel em branco e copiar as 2 questões que fizeram em casa.»

As perguntas sócio-cêntricas eram sempre reforçadoras da paráfrase: «Né?» mais de cem vezes em cada dia de aula, e outras expressões: «então» por volta de quarenta vezes e «Vamos dizer» também por volta de quarenta vezes. Essa última atenta para a contradição também ouvida na fala de outros professores acerca de uma ação conjunta (dizer) que não existe. Quem diz é um só (o professor) e, quando os alunos falam, é mera repetição, é como se o professor se materializasse na fala dos alunos.

«Você sabe que aquela seção é inventada.»

«Playboy e Status, trazem, quase sempre, contos de bom nível.»

«Vocês estão ficando doutores hem? Já sabem fazer análise idealista e dialética, não é;»

«Na aula atrasada nós falamos sobre as teorias da aprendizagem. Hoje nós vamos fazer uma crítica.»

Voltando ao que, no início, foi dito sobre moralismo, chegamos ao extremo, no nível da fala, sem falar nos gestos, sorrisos etc: a expulsão do convívio junto aos decentes, dissimulada ou diretamentte declarada no discurso:

A — «Então você não devia fazer.»
B — «Como assim?»
A — «Deixa prá lá.»

B — «Ô menina boba, ela tá te mandando embora da escola, minha filha.»

«Por que você não volta no semestre que vem?»

«Depois dessa prova, quem tirar menos da metade, não precisa aparecer mais.»

2. O PATERNALISMO DOCE DA PROFESSORA A.

Essa segunda professora demonstrou, pelo menos durante todo o curso, uma fala pendendo para a familiar, o pessoal, desde o primeiro dia, em círculo onde todos contaram sua vida até as expressões que, não raro, saíam de sua boca e que reviviam um paternalismo suave:

— «Ei, querida! Tá boa?»

— «Sua mãe melhorou, filha?»

— «Mim não faz nada. Me desculpe tá? mas, eu tenho que te corrigir.»

Quando não se via o paternalismo, o discurso descambava para um sucedâneo daquele: o emocional, chegando, às vezes, à chantagem:

— «O professor da Faculdade de Educação também é uma pessoa humana, cheia de inculcações...»

E por quê isso?

Entre outras coisas, essa professora desenvolveu uma situação de humildade e quase humilhação em relação aos alunos, evidenciada no discurso:

— «Desculpa, tá?»

— «Você me corrige, tá?»

Isso é bem curioso, na medida em que sabemos, ao nível da fala, que quem acata essa posição é, em geral, o aluno.

— «Tá certo, L. C.?»

— «É isso mesmo, professor?»

— «Tem alguma coisa a ver?»

O que, todavia, levou a essa inversão e a uma quase participação silenciosa dessa professora foi, quem sabe, o surgimento de uma aluna que tomou a voz e tornou-se, ela, a figura A em relação à sala. A brecha que permitiu a passagem dessa interlocutora não parece senão a redundância e o oco do discurso dessa professora.

«Ao invés de prova e resumo, há perguntas inteligentes como por exemplo:

— Qual é o personagem principal?

— Gostou do livro? Por quê?

— O pedaço que mais gostou? Por quê?

Não é preciso ser gênio para notar que essas perguntas não têm nada de inteligência. Vejamos outra fala:

— «Os livros de didática trazem textos de Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga etc; são os melhores cronistas do nosso tempo, mas é importante que o professor varie isso com autores novos.»

Acontece que ela não citou um cronista diferente sequer.

A aproximação que advinha desse discurso puramente emocional conseguia também dos alunos uma posição emocional evidenciada na fala, para com essa professora:

— «Coitada da A.!»

— «Como pessoa ela é muito legal!»

Mesmo com a destituição dessa professora do cargo de falante exclusiva, a posição A não coube a outros mais, isso porque o discurso da aluna detinha todo o controle da fala através das divisões:

— «Existe a descrição no nível simbólico, icônico...»; da mediação:

— «Não gostei quando Magda (Magda Soares) abandona Boudieu. O erro dela foi esse.» e várias outras falas; que revelam domínio do português padrão (bem maior que o da professora):

«elucubrações»,

«sintomático»,

«O dizer do outro»,

«enquanto instância do processo»

«esse tipo de amarramento»,

«resgatar», «dimensão», «ao nível do discurso.»

O jogo de poder que a fala evidenciava entre as duas renascia nas tentativas da professora em citar livros que a outra não leu e dessa em reagir através de olhares, conversas paralelas ou mesmo retirada brusca da sala no meio da fala de uma colega como forma de medir forças.

Vejamos o que a aluna disse, num dado dia:

«Eu agora vou dar uma de menino pirracento, sabe? Eu já estou de saco cheio dessa aula. Vou abrir o livro no meio da aula dela pra ela ver que eu não estou nem aí.»

e ainda (ironicamente) acerca de uma aula da professora.

«Gostaram das receitas de forno e fogão?»

3. O ABUSO DA MEDIAÇÃO (VARIOS PROFESSORES)

Quando o professor assume a posição do cientista, sendo dono do conhecimento, ou na hipertrofia de ser ele mesmo o conhecimento, verificamos o lançar mão de certos recursos e construções ao nível da fala, que terminam por mascarar essa situação com base na mediação e na metalinguagem.

Tomemos esta frase:

«Eles costumam dizer co-texto.»

Que «eles» são esses?

O discurso se arma de tal forma que, como o professor tem partes com esses «eles», que, via de regra, são os teóricos dessa disciplina, especialistas; como o aluno, pobre mortal, se arriscaria a contestar? A não ser que também o aluno detivesse o capital cultural, via livros, de alguns professores como no caso da aluna do item 2.

«O Roland Barthes disse...»

«Segundo Saviani» (fala de aluno)

«Flora Sussekind tem um livro...»

Às vezes, também o professor faz uso de colocações do tipo:

«Leiam o livro X. Ele não é difícil, não. E é fininho.»

Dando a entender que os alunos, ao contrário dele, professor, precisam de fontes mais acessíveis e fáceis e que não demandem grandes esforços de criaturas tão distanciadas dos teóricos da disciplina que eles estudam.

«Vocês se lembram também como Thorndike afirmou que a aprendizagem só se dá por ensaio e erro.»

É importante também que se diga que a mediação não se processa apenas no citar autores, mas também no citar lugares e situações distantes dos alunos:

«Quando eu morava nos Estados Unidos.»

«Minha sogra sabe francês, mas não tanto. Ela não morou na França como eu.»

Isso pode estender-se aos parentes dos professores também:

«Minha mulher agora está nos Estados Unidos.»

De alguma forma, isso privilegia o discurso desse professor, já que, ainda que remotamente, o lugar é o da procedência de muitos dos teóricos estudados.

O valor social dessas situações consegue até mesmo situar os professores em escalas de valor, no discurso dos alunos.

A — Faz matéria com a...

B — Ué? Por quê?

A — Ela fez mestrado na França.

Quanto mais o professor ou o aluno tiver domínio da metalinguagem que se faz sobre o assunto, mais seu poder de fala fica resguardado, na medida em que o referente perde o lugar de destaque e importa que se saiba o que se disse de X e não X, especificamente. Essa situação tira da esfera dos possíveis interlocutores um leque bem grande de indivíduos.

A propósito, convém ilustrar com um diálogo entre professor e aluno, onde o professor temia perder seu domínio de fala, já que a aluna detinha capital cultural (leitura de livros) bem maior que o do professor.

(prof.) A — ..., você já leu... de Machado de Assis?
B — Não.

A — Ah! O seu fichário de Machado de Assis não está em dia, não é?

4. A TROCA DE INTERLOCUTORES (O PACTO)

Partindo da pressuposição de que o que é inadmissível no discurso autoritário é a cristalização de professor e aluno nas posições falante/ouvinte, respectivamente, poderíamos aplaudir toda troca de interlocutores como sendo o derretimento dessa cristalização. Certo? Talvez não.

Quando Bourdieu faz referência ao «valor universal dos valores universitários», da pré-concepção que os professores parecem atribuir ao tipo ideal de aluno, sem, conscientemente, levar em conta a situação social e os outros determinantes que fazem deste um bem sucedido e daquele um fracassado, poderíamos supor que o professor determina para si uma imagem de aluno ideal. Essa imaginação é que possivelmente vai fazer aproximarem-se dele, inconscientemente, alguns «queridos» que, quase sempre, se sentam à frente, não anotam, sentam-se mais ou menos juntos, são freqüentes, conversam nos corredores com o professor, não acham graça das piadas do professor quando o restante da turma acha, entre outras coisas.

O que então acontece? O professor alterna-se em ouvinte ou falante mas só com esses alunos (3, 4, no máximo 5). A troca ocorre, mas limitada, tão limitada que poderíamos compará-la a uma representação teatral onde a maioria da turma continua estagnada como ouvinte.

Quem sabe esses não seriam os «laureados», «cu-de-ferro», a que faz referência Bourdieu?

Ao nível da fala, se parecem: falas ininterruptas, sintagmas de contacto — «vamos dizer», «por assim dizer», «Eu não sei» — formas dispensáveis mas sempre presentes: «interessante; o futuro do pretérito: «seria», «acharia»; o pronome relativo «qual» e, como não poderia deixar de ser, as citações, garantindo a mediação: |Alfredo Bosi tem um livro muito bom».

Como a escolha dos laureados depende da imagem que o professor tem do aluno, pode acontecer de um aluno pertencer a este pacto, mas não a outro em outra sala.

«Aqui eu não falo. Veja a distância que sento. Você se lembra com a ... eu falava mesmo. Aqui com a ... eu fico tímida.»

O discurso que parte do professor para com estes alunos é de distinção e camaradagem, muitas vezes. Chamam-os diretamente pelo nome (sabe o nome desses alunos, diga-se de pas-

sagem), conversam assuntos pessoais ou da disciplina, quase nunca de avaliação.

«Ah O...! Você chegou! Agora eu posso dizer que a aula começou.»

«A — ..., eu deixei de entregar duas redações. Tem problema?»

B — Que é isso minha filha? Você não precisa fazer mais nada. Você é um dos meus orgulhos!»

5. NOTA. PALAVRA DE ORDEM NO DISCURSO DO ALUNO

Como afirma Eni Orlandi, «o sentimento de dever preside o Discurso Pedagógico». Assim sendo, há que se garantir o cumprimento do dever através de créditos.

O discurso pedagógico, do lado dos professores, lida com essa questão, ao que parece, no nível da paráfrase ou do imaginário de aluno ideal: «Quem parafraseia o que eu disse merece crédito e quem eu acho que é digno merece também.» Mas e para os alunos? Como eles situam o sentimento de dever?

Depois de observar a fala dos alunos das duas Faculdades em estudo, não parece haver muita dúvida: em geral os alunos se submetem ao processo de avaliação como ele é concebido e seu discurso tem como tônica o fato de o professor ter esse poder de avaliar. Portanto a escola tem por obrigação escolarizar, no que Eni Orlandi cita sobre o conceito de escolarização, qual seja, a aquisição da metalinguagem.

Não interessa o referente, nem a troca de interlocutores, importa refletir como espelho o dito do professor e torcer para que ele simpatize com o aluno, enquadrando-o dentro do clube dos «laureados».

A — «Ela me adorava. Passei com noventa e oito.»

B — «Você nasceu com a centelha. Todos os professores te adoram.»

A — «Nem todos. O homem dos «cachinhos de ouro» não gostava de mim.» (17)

A — «Pior é que a gente tem que engolir calada, né?»

B — «Ué? Por quê?»

A — «Nossa! Se protestar, ela marca. Ela dá bomba na pessoa.» (41)

A — «Eu tenho uma porcaria de nota até hoje.»

B — «E o meu professor de Lingüística tem cem pontos na mão pra distribuir.»

A — «Isso é um perigo.»

B — «Você já pensou? Ser reprovada duas vezes na mesma matéria por incompetência do professor?»

A — «Ah! Que é isso, boba? Dessa vez você passa. Nem que seja sem saber.» (42)

(Ver item 44 do apêndice).

CONCLUSÃO

A discussão com pretensões de análise sobre o discurso pedagógico não se esgota nessa exposição sintética, que toca em algumas das questões levantadas.

Menos do que uma conclusão, seria bom registrar que não se conseguiu até aqui a postura que classifique os vários discursos em seu pendor para o autoritarismo ou para o polêmico. O que se nota é que o professor não é a encarnação desse ou daquele discurso. Existem contradições, momentos de coroamento do autoritarismo, momentos de diálogo, momentos de intervenção por parte dos alunos bem como reforço do monólogo do professor através das paráfrases ou do pacto estabelecido entre o professor e alguns alunos.

O que então se conseguiu firmar ou descobrir com base nesse esboço de análise?

— O discurso pedagógico em curso na FALE e/ou FAE, por vezes, pode mostrar-se autoritário: no sentimento de dever, no monopólio da fala, na subestimação da capacidade dos alunos, através da mediação e da metalinguagem.

— É desse discurso o uso de meios que viessem a abrandar o jogo agressivo de dominação: piadas, gracejos, paternalismos.

— O discurso torna-se autoritário, porque restrito a um grupo reservado que pode, inconscientemente, calar ou simplesmente eliminar e esmagar os falares dos outros.

— A metalinguagem é a meta. Diz X, sabe X. Quem não sabe o que se diz sobre X, não sabe X.

— O estatuto da necessidade (avaliação) é a mola mestra da circularidade e autoritarismo no discurso pedagógico. É a garantia de que o aluno se escolarizou e atingiu a Imagem que o professor tem do que se disse sobre o referente, ou quem sabe seja a prova de que o aluno respondeu às expectativas do professor e aqui já não se sabe se essas expectativas se relacionam ao saber ou às nuances que o professor busca encontrar no aluno, para ele, ideal.

E aqui, pode-se prescindir tanto do referente quanto da própria metalinguagem: às vezes, basta o imaginário.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas.** São Paulo, Perspectiva, 1982.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento.** São Paulo, Brasiliense, 1983.

VERON, Eliseo. **A produção de sentido.** São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1980.

RIBEIRO, Laura Cançado.

BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **O papel da autoridade do professor: as bases do poder social como foco de análise da interação em sala de aula.** Belo Horizonte, UFMG.

APÊNDICE

01. «Eu não tenho problema nenhum com aluno que sabe mais do que eu. Hoje eu estou muito cansado. Não estou a fim de dar aula. Mas não tem problema. De qualquer jeito sai aula.»

02. «Não gosto de impor a minha posição na hora que vocês estão discutindo.»

03. «Eu não ficava fazendo discursos.»
«Eu é que não dou o curso do jeito que vocês querem.»
«Essa questão é importante e relevante.»
«Mudaram os nomes, as expressões.»
«O montante, a força prior.»
«Angariando e juntando.»
«Essa tendência, essa corrente, essa inspiração.»

04 «Não sei porquê, a sua obrigação é só ler o texto e perguntar se tiver dúvida. Numa democracia, é preciso fazer uma tarefa mínima (ler). Sem ler, não se faz um curso decente. Vocês assim, fazem a ditadura do aluno. Não lêem e o professor tem de aceitar,»

05. «Ela te pede para falar, para te provar que você não sabe.»

06. «Não passa por aí...»
«O amarramento...»
«Seria...»
«Não sei...»
«Enquanto profissional...»
«;;. responde bem...»
«... é todo um...»
«... anular o dizer do outro...»
«Prescinde do professor. Não precisa do professor...»
«Dentro de sala, o discurso privilegiado vai ser sempre o do poeta.»
«O nome me fugiu...»
«... interessante...»

«... com o qual...», «... Né?», «... questão», «... relação...», «... momento...», «... complicado...», «... simplismente fantástica...», «... proposta política...», «... nestes termos...».

07. «Vocês têm uma idéia?» «Vamos»

08. «Recolocado, reformulado...»
«Divulgado e reforçado»

09. «Se era pra dormir, eu ficava em casa, né professora?»
«Que inferno! Populismo barato.»

10. «Não suporto mais essa menina. Acho que não vou agüentar. Vou pedir aposentadoria. A... precisa se acalmar.»

11. «Vamos voltar à vaca fria do trabalho...»

12. «O hall seria mais interessante que o auditório.»

13. «Gravei quando eu morava nos E.U.A. Mas meu sistema é Beta e ninguém tem sistema Beta no Brasil.»

14. «Por exemplo, uma das respostas podia ser puxar a corrente, por exemplo.»
«Thorndike argumentava que o animal pode aprender, não através do raciocínio, mas por ensaio e erro.»
«Não é mesmo? Tá legal?»

15. «Não vou fazer chamada. Prefiro ter cinco alunos na sala, interessados, do que trinta desinteressados, presos por causa da chamada.» (em agosto)
«Na aula que vem, vou fazer chamada às 7 horas. Essa infreqüência desestimula o professor.» (em setembro)

16. A — «A argumentação não procede.»
B — «Mas nós sempre entregamos trabalhos juntos na nossa Escola.»
A — «Então, façam juntas mas entreguem dois papéis. Pronto!»
B — «Saco!»
A — Saco não! Na sociedade, a gente é cobrado individualmente. Por isso é que a gente não vai pra frente nunca.»

17. A — «Ela me adorava. Passei com noventa e oito.»
B — «Você nasceu com a centelha. Todos os professores te adoram.»
A — «Nem todos. O homem dos «cachinhos de ouro» não gostava de mim.»

18. «É preciso que fique alguma coisa depois que tudo passou. Se não anotamos uma síntese mínima, necessária, depois, nada fica.»

19. A — «Tô achando que a... é sapatão. Observe o olhar dela pra...»
B — «Será?»
A — «É sim! Desde o primeiro dia, eu achei ela com cara de homem.

20. «Você sabe que aquela seção é inventada.»
«Playboy e Status trazem, quase sempre, contos de bom nível.»

21. «Aqui eu não falo. Veja a distância que eu sento. Você se lembra com a... eu falava mesmo. Aqui, com a..., eu fico tímida.»

22. «Não vou fazer chamada hoje. Mais importante que a chamada é a presença de vocês, o interesse pela aula.»

23. «Eu estava pensando num horário de consenso: que tal sete e quinze?»

24. «A — Eu estou cansada de agüentar chefe mandando a gente fazer as coisas, professor mandando fazer trabalhos.»
B — «Mas se a gente não cobrar. Se não houver um mínimo de cobrança, a tendência dos alunos é acomodar.»

25. A — «Eu gosto de comprar livro. Detesto xerox. Gosto de tudo organizado.»
B — «Mas eu não tenho dinheiro, professora.»
A — «Mas um livro custa mais barato que cerveja.»
B — «É. Mas eu não bebo cerveja, não.»

A — «Mas tem outras coisas que custam mais caro que livro.»
B — (do pacto) «Eu gasto mesmo é com cigarro.»
A — «Está vendo? Cigarro custa mais caro que livro.»

26. «Ele tem que usar essa dinâmica, esse movimento, esse método.»

27. A — «Acho que vou tomar bomba co'essa mulher.»
B — «Que é isso, menina? Começa a rir pra ela!»
A — «Eu não consigo. Eu não tenho o dom de puxar saco.»
B — «Ah! Faz um sacrifício.»

28. «Vocês estão ficando doutores hem? Já sabem fazer análise idealista e dialética, não é?»

29. «Passando, pela sala, por acaso, vi o Globo Repórter...»

30. «Nós vamos ver...»
«Vamos dizer...»
«Cada comunidade, cada indivíduo deve determinar sua vida. As minorias têm todo direito de discordar e fazer diferentemente, o homem precisa ser livre.»
«mínimo...»
«então...»

31. «Os livros de didática trazem textos de Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga etc; são os melhores cronistas do nosso tempo, mas é importante que o professor varie isso com autores novos.»

32. «Na aula atrasada nós falamos sobre as teorias da aprendizagem. Hoje, nós vamos fazer uma crítica. Vocês se lembram que eu falei que nem o condicionamento clássico, nem o condicionamento operante podem sozinhos explicar a aprendizagem. Vocês se lembram também como Thorndike afirmou que a aprendizagem só se dá por ensaio e erro.
«Tá legal?»
«É...»
«Pra mim chegar»

«Não sei se foi numa ilha ou num país da Africa. Não me lembro exatamente.»
«Vocês se lembram que eu falei que um dos princípios básicos do behaviorismo é a continuidade filogenética, ou seja»...
«Vocês se lembram que na teoria de Skinner...»

33. «Mais centração, diria assim, é uma palavra ótima.»

34. A — «Você quer trabalho grande?»
B — «O trabalho não tem limite de tamanho. Eu sempre fiz trabalhos pequenos e bons. Admiro que tem capacidade de síntese. Eu tenho essa capacidade. Você tem?»

35. «Minha sogra sabe francês, mas não tanto. Ela não morou na França como eu.»

36. A — «Mas assim não adianta discutir.»
B — «Ah! Adianta só quando você ganha a causa, não é?»
A — «Não. Não é assim não.»
B — «É sim. Se vocês têm problemas, a instituição também tem problemas.»
A — «Mas a culpa não foi nossa do curso começar mais tarde.»
B — «Nós vamos estudar o problema.»
A — «Quando?»
B — «Você não está entendendo. Isso que vocês estão fazendo é uma ditadura dos alunos. A solução vai ser trazida na aula que vem. E vocês não gritem não que a outra sala está em aula e pode pensar que vocês são malucos. Eu vou levar isso para o colegiado, mas em princípio, nós precisamos ter em mente que o curso precisa ter um mínimo de decência.»
A — «Acontece... que eu vou me formar dia 13. Você prolongando até dia 12, não vai dar tempo de eles estudarem meu currículo.»
B — «É! Suas notas não estarão prontas até lá não.»
A — «Mas eu vou me formar.»
B — «A culpa não é minha.»

A — «E nem minha.»
B — «Eu só coloquei o problema. Agora não é hora de discutir.»
A — «É agora sim.»
B — «Você não está entendendo. Vocês vão pegar um papel em branco e copiar as 2 questões que fizeram em casa.»

37. «Desenvolver um pensar»
«O dizer do outro precisa ser respeitado»
«O pensar do outro precisa ser respeitado»
«Eu acho complicado»
«Esse é um trabalho que eu acho simbólico, quando se passa pra diversificação fica complicado.»
«Não sei como que está em torno de Paulo Freire, mas eu gosto de uma coisa que ele diz sobre a definição do professor como coordenador.»
«Pode ser que seja complicado fazer isso porque isso já está sedimentado, vamos dizer, assim, por assim dizer, mais ou menos.»

38. «Eles COSTUMAM dizer co-texto.»

39. «Perfeito
«Exato»
«Gostei da expressão.»

40. A — «Aí Comecei.»
B — «Não é isso. É que você podia marcar logo a prova, o dia, a matéria.»
A — «A tempo vocês saberão.»
B — «Mas eu já podia ir estudando. Tem tanto trabalho pra fazer. Marca de uma vez, M.?»
A — «Mas o que é isso? Você está muito nervosa, minha filha.»
B — «Isso é porque não é você.»
A — «Eu tenho meus compromissos. Só que eu não fico assim não.»
B — «Ah é? Você tem um monte de trabalhos para fazer?

Um monte de sínteses para entregar? Gente te pressionando toda hora? Tem é? Eu já estou cansada de tanto trabalho. Dormir 2 horas da madrugada, fazendo síntese de terça pra quinta.»

A — «Ah! Então, você não devia fazer.»

B — «Como assim?»

A — «Deixa pra lá.»

C — «Ô menina boba, ela tá te mandando embora da escola, minha filha.»

41. A — «Pior é que a gente tem que engolir calada né?»
B — «Ué? Por quê?»
A — «Nossa! Se a gente protestar, ela marca. Ela dá bomba na pessoa.»

42. A — «Eu tenho uma porcaria de nota até hoje.»
B — «E o meu professor de Lingüística tem cem pontos na mão pra distribuir.»
A — «Isso é um perigo.»
B — «Você já pensou ser reprovada duas vezes na mesma matéria, por incompetência do professor?»
A — «Ah! Que isso boba? Dessa vez você passa. Nem que seja sem saber.»

43. «Você está boa?»
«Oi, querida!»
«Querido, nós já estamos aqui, viu?»

44. A — «Você acha o ... bom?»
B — «Eu acho.»
A — «No ano passado o povo meteu a língua nele.»
B — «Ah! É porque o professor a gente diz se é bom ou não, depois da primeira prova.»

45. A — «Ih!... Eu estou formando. Olha a minha nota.»
B — «Aluno que está formando não é problema meu. Não diferencio alunos. A mesma avaliação que é feita com relação a um é feita em relação a outro.»

46. «Essa disciplina não é meus amores, mas vou dar assim mesmo.»

47. «Eu não estou gostando de mim esse semestre. Estou ruim mesmo.»

48. «Ao invés de prova e resumo, há perguntas inteligentes, como por exemplo: Qual é o personagem principal?
Gostou do livro? Por quê?
O pedaço que mais gostou? Por quê?»

49. «... Fique pra você aprender.»

50. «Vocês tem que entender que o professor também é motivável.»

51. «Se eu falar mal, você me corrige, Paulinho?»

52. «Ah O...! Você chegou! Agora eu posso dizer que a aula começou.»

53. «Eu acho que quando o aluno não está sabendo, é obrigação dele trancar a matrícula.»

54. «Eu quero que vocês leiam esse texto. Mas não é leitura de 2º grau não, é ler como quem está na Faculdade de Letras.»

55. A — ..., «eu deixei de te entregar duas redações. Tem problema?
B — «Que é isso minha filha? Você não precisa fazer nada mais. Você é um dos meus orgulhos!»

56. A — «Esse texto analisa o problema da fonologia de uma maneira dialética, não é?»
B — «O que você entende por dialética?»
A — «Bom! Pra mim dialética é analisar um fato dentro de um contexto.»
B — «Ah! Mas não existe só uma dialética, existe a dialética marxista, a dialética tomista. A qual delas você se refere?»

57. A — «Ah não! Pode guardar estas folhas todas. Não pode consultar.»
B — «Eu não vou olhar não professora. Eu não preciso disso não.»
«A — «Está bom! Eu não quero criar problema pra você.»
B — «E nem eu pra senhora.»

58. «Por que as criancinhas estão agitadas? Não está ventando nem chovendo?»

59. «Entrega essa prova logo! Esses alunos que consultam demoram, porque ficam copiando.»

60. «Enquanto o professor tiver o direito de avaliar, eu continuo dando aula. Porque o dia em que até esse direito me for tirado, não há dinheiro que me faça dar aula pra esse indivíduo.»

61. «Depois dessa prova, quem tirar menos da metade não precisa aparecer mais.»

62. «Por que você não volta no semestre que vem?»

RL

revista literária

RESENHA

Em vinte e um concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	198	255
1967	102	57	146	164
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	879
1981	126	84	530	614
1982	123	54	545	599
1983	107	80	403	483
1984	96	30	429	459
1985	66	52	240	292
1986	139	75	585	660
TOTAL	2537	1761	7492	9253

21º. CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS - 1987

A relação dos 660 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	A cidade mal assombrada Marido machão Prefeito democrático	Abelhinha Feliz
02 —	Um problema Quando estiver com sessenta e quatro Sísifo	Adelino
03 —	A fala Quando a ansiedade descansa sob um orelhão O menino vai mais uma vez	Antônio Mariano
04 —	Louca Um conto que não é de fadas A glória e a honra de Adelso Simões	Beatrix Maia
05 —	Odaliscas O rosto	Clara
06 —	O treze	Czara
07 —	Um jantar: duelos Retorno Os cúmplices	Doktor Avalanche
08 —	Duelo ao por-do-sol Telenovela De negativas e negações	Em Trânsito

Nº	TÍTULOS	PSEUDÔNIMO
09 —	Aprender aprendendo O juiz Cida	Erasmus
10 —	Aquela camarada Um admirável ser humano Notas sob uma revolução	Esse Fan
11 —	A lenda do Milton Nascimento A confissão de Antônio Curtido Tonho enrola-papo	Eustáquio Fontes
12 —	Labirintos Variações em torno do mesmo tema Morangos	Hermes
13 —	Irmãozinhos O rapaz do 1001 Os corações futuristas morrem cedo	Jabberwocky
14 —	O porão O cavaleiro da noite Vinte e quatro horas	J. Mitraud
15 —	O grande assalto O aprendiz O caminho do amor	João Pedro
16 —	Solidão Romeu e Julieta Memórias de um utilitário	Juarez Serra
17 —	Coração Mortalha As camisolas azuiz de um delirante ofício A mulher exilada	Lili Marlene
18 —	O quadrante azul Paredes A lição	Marte

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
19 —	Vara Xº	Maria Esperança
	Caminho de processos	Brasileira
	Reforma	
20 —	Lãs, fios e linhas se torcem	Nem Trevo Nem Hera
	Trabalhador	
	Parque de diversões	
21 —	Escuridão	Rolando
	Outro dia	
	São João da sorte	
22 —	À noite, certamente não haverá luar	Tântalo
	Para tio Paulo	
	Confissões	
23 —	Amorchxx	Tareja
	Retrato em branco e preto	
	Lolita, meu amor	
24 —	O circo	Tony Franhk Simmon
	Poética da noite	de Moraes
	E eu não a...	
25 —	Boi	Trad
	Nino	
	O velho telefone	
26 —	Mania nacional	Virgilius
	Fada madrinha	
	A comitiva presidencial	

POEMAS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	O filho das estrelas	Açafrão
	Aos seres viventes do ar	
	(sem nome)	
	Mágica Mariana	
	O amor nos tempos de guerra	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
02 —	Poema do sentimento do povo	Adelino
	Imagine você	
	O lugar comum	
	Findo o momento	
	Música	
03 —	Tem sentido?	Aghata
	Negação	
	Momento	
	Individualidade a dois	
	Despertando	
04 —	Canto dos desaparecidos	Agripas
	Espectador	
	Companheiro	
	Receita de poesia	
	Ato de heresia	
05 —	Da janela entreaberta	Ajotapê
	Canção dissoluta	
	A estátua	
	O último sangue da liberdade	
	Confissão do poeta numa noite de chuva	
06 —	Missiones	Alice
	Delícia argentina	
	Moda primavera-verão	
	Coelho de Alice em Wonderland	
	Once upon a time	
07 —	Ritos de iniciação	Alice
	Lição de casa	
	Mistérios dolosos	
	Inventário Amaro	
	Esquisofrenia em primeira exibição	
08 —	Momento	Ana
	Vida	
	Fatal	
	Saudade	
	Transformação	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
09 —	Gênese	Ana Carolina Bruno
	Os meus pedidos	
	Fantasmas	
	Indagações	
	Angústias	
10 —	Lírica	André Rezende
	Alazão	
	A palavra	
	Um nome	
	Lucidez	
11 —	Palavras	Andreísa Lucas
	Sensações	
	Cotidiano	
	Abandono	
	Solidão	
12 —	Narciso e o Álamo	Anêmona
	O outro	
	Fragmentos	
	Soneto da Mandrágora	
	O astrolábio de Urano	
13 —	Hoje	Armando Sena
	«O anjo»	
	A solidão	
	Mulher	
	Tinha sim	
14 —	Miragem	Avo
	Desperto	
	Acordar	
	In-finito	
	«Luiz» em tempo	
15 —	Matemáticas	Bethônico
	I	
	II	
	III	
	IV	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
16 —	Melodrama de uma adolescente descompromisada Visão fotótica Receita fotográfica Retrato retocável Poética	Bicho
17 —	Universidade O solitário solidário Gilda Luar magnífico Soneto confidencial	Bill Morélix
18 —	Cotidiano Quarta-feira de cinzas Poema seco Gaita de fole Maria preta	Binho
19 —	Você Sonho da vitória Declaração Amor Tentando te amar	Biol
20 —	Ao Carlos Destino Fragmentação Amor crepuscular Pará o mundo que eu quero descer	Brunett
21 —	Para os jovens mortos nas guerras «Sentinela», porta-voz O alienado Hiroshima O bêbado	Caius Lucílius
22 —	A agulha Acontecências Um dia nº 4 Simplicidade E brilhou no céu da pátria a lâmina cor de prata	Caius Vinicius

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
23 —	Cópia de fotografia almenarense	Campos & Flores
	Ladinices	
	Transparência	
	Épico 66	
	Lembrança estéril	
24 —	Eternamente em luta	Cismando
	Expansão	
	Choro	
	Poesia do corpo	
	Desafiando a conduta profissional	
	(de afinação ou estéril perplexidade)	
25 —	Depois da conversa	Coelho [Reis]
	Là... avec des masques	
	Via Crucis	
	Paralaxe	
	Rascunho	
26 —	A dona atávica	Conceição Milagres
	O tatu-bolinha	
	aDEUS aQUaRIUS	
	Alquimia	
27 —	É assim	Dana
	Vê	
	Alma da cidade	
	As vezes	
	Pausa	
28 —	As tardes	Diana
	Utopia	
	Poema de maio	
	Ao poeta	
	Silêncio	
29 —	Soneto do amor verdadeiro	Digit Expert
	Soneto da tristeza	
	Soneto da ira	
	Soneto da beleza	
	Soneto da mulher difícil	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
30 —	Soneto da esperança	Digit Form
	Devoção	
	Soneto para amiga	
	Elegia da vida	
	Poética	
31 —	Tradução	Dorali
	Ela	
	Vila da espera	
	O fato	
	Manchete	
32 —	Ação	Erasmus
	Bitter	
	Inação	
	Reação	
	Trans-ação	
33 —	Coração ferido (Jardim sem flor)	Exôdos
	Trombadinha	
	Delinquentes juvenis	
	Imbecis Novos Republicanos	
	Recanto	
34 —	Auto-retrato	Fabiano [Ricardo]
	Presságio	
	Oh, quem diria, um desabafo	
	Soda cáustica	
	Fome	
35 —	Cordeiro Pango	Fabricante de Sonhos
	Homem Mulher	
	O Tino no escuro	
	Morte lenta	
	Existência vã	
36 —	Dúvidas?	Girassol Azul
	Recordação	
	Escola	
	Efeito	
	Mensagem	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
37 —	Salada de trutas	Glauceste Hebúrneo
	Ciranda brasileira	
	Cesto sem tido	
	Amar	
	Acabou-se	
38 —	Interiores	Grete
	Sangria	
	Madrugada	
	Insônia	
	Cantiga	
	Persona	
39 —	Reflexologia	Guilherme
	Congado	
	Fisiologismo	
	Asa	
	Prostituinte	
40 —	Fim	Guto
	Fome	
	Realidade urbana	
	O preso	
	Antropofagia	
41 —	Poema da solidão	Haffner
	(sem nome)	
	(sem nome)	
	(sem nome)	
	(sem nome)	
42 —	(sem nome)	H. Lopes
	Sob rodas	
	(bonita)	
	Soneto amado	
	Paixão	
	Grávidos sonetos	
	Ignorância mútua	
	Olhar à distância	
	PORCOMSEM	
	Perguntas? Respostas!	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
43 —	Conheci uma poetiza quando a poetiza já era, pois Te amo tanto Como Senhor A siririca serelepe	Indaiazinho
44 —	Adeus Drummond Nordestino Lembranças Exaltação Morte prematura	Inha
45 —	Um dia você vai voltar Enfim, o fim dos sonhos O desabrochar de um novo amanhecer Um barco sem teu porto	Ipê Amarelo
46 —	Abril Pororoca Semiologia da palavra Momento Rosário de dias	Iraiuçara
47 —	El pájaro Incesto Vida? Amor romântico Reminiscência	Ivãs Dlaud
48 —	A cartomante Indagações Os coelhinhos O Natal está chegando Pássaro do estio	J. Mitraud
49 —	Parâmetros Espelho Ecce Homo Verborréia	José Pequeno Naya

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
50 —	Surpresa Sedução Sempre outra vez - O canto do carpinteiro A poética de quem ama Fatos cotidianos Mwvika	João Pedro
51 —	Dramático E agora, João Branco e preto Soneto ao olhar amado Mar	João Lobo
52 —	Olho A dentista O Índio Inspiração Aliciamento	José Funis
53 —	(sem título) (sem título) (sem título) (sem título) (sem título)	Josefa Karla
54 —	Arco-íris Menino, não morra/Canção do amor demais Nada mais além do presente Coração Amor	Kamala
55 —	Efêmero Amolação Sem referencial Corte e sutura Desencanto	K. Botino
56 —	Corisco Alvo Totem Viço Sentido	Lia

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
57 —	Paixão Platônica	Lili
	Ritual à liberdade	
	Perdoa-me	
	Calamidade	
	Semente	
58 —	Estudantes	Lispector
	Os quintais e as vidas	
	Foi a última vez	
	Metamorfose	
	Solidão	
59 —	Saudade	Lívia Becker
	Infértil	
	Desejos azuis	
	Ausência	
	Chuva em mim	
60 —	Mulher	Luana
	Velocidade	
	Ama	
	Ânsia de amar	
	Conseqüência	
61 —	Not corpse... body	m.A. de Campos
	Exílio de mim	
	Notívaga	
	Um camundongo	
	TV	
62 —	Cotidiano	MALU
	Se	
	Ver defeitos	
	Imagens	
	A falência da paz	
63 —	Escuta-me	MALU
	Emoções	
	Fantasias e carícias	
	Filho	
	Corpo	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
64 —	Maturidade	Maria Esperança
	Descoberta	Brasileira
	Humanidade	
	Vida	
	Confluentes afluentes	
65 —	Saudade	Mariana Muniz
	Vozes	
	Fatos cotidianos	
	Por teu adeus	
66 —	Kosmovisão	Mathias Novomundo
	De um poema inacabado	
	Parâmetros	
	Pensamento	
	O poema maldito	
67 —	Telegrama	Mim
	Brevidade	
	Poética	
	O bem	
	Perdeu a vida	
68 —	Saudação ao bárbaro Pasolini	Miriam Lane
	O TAO (tarô) da Física	
	Rotel	
	Reflexões da aranha sobre seda	
	Há casos	
69 —	Já era	Morita
	Toxina	
	Tributos	
	Peça da liberdade	
	Em órbita	
70 —	Fantasmas de Vila Rica	Mr. X
	Elegia a beira-mar	
	Ruínas evocativas	
	Inocência Perdida	
	Crepúsculo das ideologias ou assim falou Macunaíma	

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
71 —	Retrospectiva	Namasthê
	Rostos sem magia	
	Crença Pródiga	
	Humanos	
	Saudade	
72 —	Criação	Naná de Barros
	Sonho	
	Saudade	
	Sonoridade	
	Por que?	
73 —	«sem título»	Negligência»
	Fragância	
	Ausência de inspiração	
	Crônica	
	Deixe que	
74 —	O ancião	Oceano-Pestana
75 —	Quando a poesia se despe	ôluê de Aquino
	A solidão, o quarto, a noite	
	Poema 1 ou do saber e da ignorância	
	Do homem e da psique do homem	
	Adolescência	
76 —	Abissal	Paulus
	Debaixo daquela areia	
	A caravela do sonho	
	Capoeira	
	Sexta-feira Santa, de tardezinha	
77 —	Transformações	Pedrazul
	Sonho e melodias	
	Energia oculta	
	Romances	
	Tamanha tristeza	
78 —	Poetas	Pélops
	A Benjamim Meloise	
	Chora montanhas	
	A propósito da bomba de Hiroshima	
	Desejos	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
79 —	À procurada, a mulher amada	Pena Branca
	Visão	
	Nostradamus	
	Murmúrios de um outro travesti	
	Ao natural, Belo, a você	
80 —	Euana	Pilar
	Drummondiana	
	Glauberiana	
	Crazy Horse	
81 —	A mansão erguia-se	Piscator
	Escutei a água caindo	
	A menina corre pela campina	
	Uma tal de lua	
	Sinto-me qual uma folha ao vento	
82 —	Soneto do meio amor	Propositai
	Fidelidade	
	Onírica torre	
	Angústia	
	Asas	
83 —	Sem palavras	Pulcra
	Escravidão infinita	
	Esofromatem/Metamorfose	
	Como degustar ovo frito	
	Construção	
84 —	Venho falar dessa coisa	Rafael Drummond
	Presença da praça	
	Poeira	
	Inex	
	Passeio com Bel	
85 —	Breve poema	Ribamar Silveira
	Remoto	
	Dentre todos	
	Primário	
	O velho e o passarinho	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
86 —	Nenhum reflexo	Rocha
	Sol pequenino	
	Velho horizonte	
	Pequenice	
	A gaivota	
87 —	A prisão do pivete	Rosazul
	Vida	
	Auto-retrato	
	Um poema para o tempo	
	O fardo	
88 —	Anseio	Ruamoici
	Certeza	
	Destino	
	Dos fados	
	Tormento	
89 —	Tarde	Samantha Bárbara
	Desejo I	
	Desejo II	
	Nosso lugar	
	Caminhada	
90 —	Reverso	Samoa
	Passo em pó	
	Querência	
	Ocaso	
	Criação	
91 —	As casas I	Sapituca
	As casas II	
	As casas III	
	As casas IV	
	As casas V	
92 —	Poema	Sebastião José
	Tempo	
	O sonho do avião	
	Futuro presente	
	Televisão	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
93 —	Língua-de-trapos	Sonzinho
	Confins	
	Rostos	
	Free-Jazz	
	Quarto-abacate	
94 —	Enígma	Taguara
	Caminhos	
	Ausência	
	Instantes	
	A poesia não veio	
95 —	Impasse, neurose	Tamaris Grisj
	Amor e vírus	
	De tanto cantar	
	Ao menino	
	Por-do-sol	
96 —	Solidão e vento	Tao
	Lá	
	A hora do rush	
	Em silêncio	
	Inconsciência profunda	
97 —	Infinitude	Thor
	Testamento	
	Constituinte e política nacional	
	Resistência	
	Inventário	
98 —	Beijo de primavera	Torquatro Pedrosa
	Impressões Matinais - Por onde tudo principia	
	Misteriousansas	
	Intuição	
	Urbana	
99 —	Dia 12 de junho	Tostovisk
	Vivo! e daí?	
	O mistério do amor	
	Três meses	
	O pensamento	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
100 —	Para uma nova gramática do literato	Trad
	Black Angel	
	Violação	
	Mudando de casa	
	Negação	
101 —	Saudade	Tuca Morais
	Os becos são lírios	
	Sobre dois aquários	
	Tu morreste	
	Prefácio de solidão	
102 —	Sonho de criança	Tuiuiú
	Olhando a vida por uma fresta	
	Soneto da separação	
	Geração AI-5	
	Poema da Praça da Rodoviária	
103 —	Hábito	Valdeterra
	Crepúsculo matutino	
	Toque de recolher	
	Trágico desfecho	
	Sensação de esqueleto	
104 —	Alucinação	Vana
	Anonimato	
	Com você	
	De passagem	
	Pivete	
105 —	Fase	Ve'luz
	Marca	
	Ponto final	
	Mergulho	
	Aprendendo	
106 —	Per cepção	Vidal Soares
	Meus poemas	
	Sensibilidade	
	Sobras e sombras	
	Olhem o mundo	

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
107 —	Eu você e elas	Vilma Vilminha
	Nosso amor	
	Moço feio	
	Amor	
	Retorno	
108 —	Libido	Virgínia K
	Elegia urbana	
	Viagem das luzes	
	Sonho de um menino	
	Desencantamento	
109 —	Florimavera	Volúpia
	Aí...	
	Soneto da tua procura	
	Imagine a gente se amar	
	Aquela noite...	
	eu você, Geraldo...	
110 —	Mais um poema de amor	Zorô
	Cântico do renascimento I	
	Saudade	
	Cantiga de igreja	
	Poema do eu	
111 —	Inquietação	Zé Ninguém
	Renascer	
	Ato de contrição	
	São Paulo - Capital	
	Feliz Ano Novo	
112 —	Cantiga verde, amor e liberdade	Zenj Bernardes
	Vazio engraçado	
	Saudade que sinto	
	O retrato	
	O dois	
113 —	Não me conheças	Ibney Santiago Júnior
	O acaso dessa transa de silêncio	
	Véspera de percorrer	
	A clausura entre o amarelo	
	«sem título»	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
114 —	Coisa linda	Amador
	Despertei para você	
	Vida	
	Pode um pássaro viver sem mostrar seu canto?	
	Rendição	
	Conquista	
	Querendo crescer	
	Vida corrida	
	Confessando-te algo	
	Beleza sua	
	Auto-afirmação	
	Somente pra você	
	Busca	

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

ORGANON - Revista do Instituto de Letras da UFRS - vol. 15 - Porto Alegre - RS - 1986.

NEUE ROMANA - Instituts für Romanische Philologie der Freien Universität Berlin - Nr. 6 - 1987 - Germany

DIMENSÃO - Revista de Poesia - ano VII - nº 14 - Uberaba - MG

ILHA DO DESTERRO - Revista de Língua e Literatura - nº 17 - Departamento de Língua e Literatura Estrangeira da UFSC - Florianópolis - SC - 1987

PLIEGOS DE MURMURIOS - Juan Luis Pla Benito - ano VII - nºs 78 a 89 - Sabadell - Barcelona - Espanha

LETRAS & LETRAS - Revista do Deptº de Letras da UFUb - vol. 2 - nº 2 - Uberlândia - MG - 1986

REVISTA DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - Universidade de Passo Fundo - nºs 1, 2 e 3 - Passo Fundo - RS - 1986

THE YALE REVIEW - Yale University - nº 1, autumn 1987, nº 2, winter

1987, nº 3, spring 1987, nº 4, summer 1987, nº 1 autumn 1988 e nº 2, winter 1988 - New Haven - Connecticut - USA

EXERCÍCIO DE UM MODO - Maria Regina Moura - Publicação da autora - São Gonçalo - RJ - 1987

REVISTA DA FESAU - ano 2 - nº 3 - Frederico Westphalen - RS - 1987

THE CENTTENIAL REVIEW - College of Arts and Letters - nº 2, spring 1987, nº 3, summmer 1987, nº 4, fall 1987, nº 1 winter 1988 - Michigan - USA

FRANCISCANUN - Revista de las Ciencias del Espiritu - Facultades de Filosofia y Teologia de la Universidad de San Buenaventura - nºs 86/87 - año XXIX - vol. XXIX - Bogotá - Colombia - 1987

LEOPOLDINUM - Revista de Estudos e Comunicações - vol. XIV - nº 40 - Universidade Católica de Santos - Santos - SP - 1987

LETRAS E COMUNICAÇÃO - Deptº de Letras e Comunicação do CCHA da Universidade de Caxias do Sul - ano 3 - nºs 6, 7 e 8 Caxias do Sul - RS - 1987

TRIBUNA D SERTAO - nº 26 - Barra do Mendes - BA - 1987

A FOLHA DE BAMBUI - nºs 34 a 46 - Bambui - MG - 1987/88

CORREIO DE ARAGUARI - ano 1 - nº 0 - Araguari - MG - novembro de 1987

INTERAÇÃO - A Revista do Professor - nºs 17 e 18 - São Paulo - 1986

CALANDRAJAS - Papeles de Arte, Pensamiento y demás cosas - nºs 10 a 12 junio e noviembre de 1986, nº 17, diciembre de 1987 e nº 18, mayo de 1988 - Toledo - Espanha

CARTAS

Algumas críticas à Revista Literária do Corpo Discente da UFMG.

«Em novembro de 1966 foi lançado o primeiro número da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG; em janeiro de 1988 saiu a edição de número 20. Houve, como se sabe, uma pequena interrupção no final das duas décadas. Mas esse fato não tem maior importância: a RL continua, com colaborações de primeira qualidade, motivo de alegria para todos nós.

Ergamos, pois, a nossa taça invisível mas autêntica pelo que ela simboliza na comemoração dessa vigésima edição da RL.»

Wilson Alvarenga Borges — Rio de Janeiro

«Parabéns pela Revista Literária 20. Nível muito bom. Ótimo.»

Oswaldo França Júnior — BH — MG

«A Universidade se renova e se perpetua quando professores e alunos se integram preparando e abrindo os caminhos para uma nova visão do mundo.

Renovo meus cumprimentos agora que o número 20 da Revista Literária nos é apresentado.»

Angela Gutierrez — Secretária de Estado da Cultura de MG

«Espero que continuem com a mesma garra e com o mesmo entusiasmo. Seria bom se tal exemplo se disseminasse na Universidade Brasileira.»

Zina M. Bellodi Silva — Jaboticabal — SP

«Quero parabenizá-los pelo esforço e empenho que tiveram em mais esse exemplar. Sei que é difícil levar adiante um plano de tal envergadura, num país onde ainda se joga livro no lixo.»

Graziela Lydia Monteiro — BH

«Parabenizo-os pelo bom gosto e pela qualidade do conteúdo da Revista.»

José Maria de Souza Dantas — Diretor da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes das Faculdades Integradas Augusto Motta — Rio de Janeiro

«Manter um meio de difusão cultural como a Revista Literária significa um esforço muito grande, merecedor de nossos maiores elogios.

Prof. J. M. Correia Neves — Diretor do «Centro de Pesquisa Prof. Manoel Teixeira da Costa» — IGC/UFMG

«O número 20 da Revista Literária desta Universidade é bem uma prova da expressão cultural de Minas Gerais.»

Prof. Dr. Eticar Kuhn — UNESP de Franca - SP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

IMPRENSA UNIVERSITARIA

Caixa Postal 1621 — 31.270 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

Edição da

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS